FON FON
ANNO XXVII — N.º 9
Rio, 4 de Março de 1933
PREÇO: 1$000

O conto brasileiro

O ROMANCE DO GARIMPEIRO

De Augusto Nogueira

O rio que o Anhanguera perlustrou com hostes audazes, guarda ainda, nas entranhas passionaes de suas curvas empedradas, os diamantes fascinadores.

Certo dia, um bahiano resoluto atravessou florestas, galgou serranias erriçadas de pedrouços, transpoz pantanaes adustos, até alcançar o Araguaya, no sudoeste de Goyaz.

O sangue que tumultuou nas veias do indio intemerato impellia o garimpeiro para o grande rio, que guarda o diamante escondido, com zelos de mãe selvagem.

Nas pegadas do pioneiro valoroso, seguiu um magote de homens e mulheres, fascinados pela cobiça das pedrarias deslumbrantes.

E crearam Baliza.

Uma centena de casebres, erguidos de pau a pique, mal cobertos, — grandes frestas abertas no estendal de palhoça, deixando, nas noites quietas, ver o ceu rindo o riso claro das constellações.

O garimpeiro não sabe o que é a lei do civilizado: desconhece-lhe as arestas duras e aggressivas; ignora a hypocrisia dos artigos forjados por uma cohorte de visionários; nada sabe acerca dum decalogo dictado ha millenios, nas sarças chammejantes duma montanha israelita, e de Christo conhece a existencia, porque o viu em andores, nas ruas lobregas duma aldeia, ataviado de fitas, e embalado pelo sussurro morbido dos misereres.

Mas o garimpeiro creou a lei, mixto de pena de Talião com residuos de barbarismo medievo.

O ladrão morrerá. Não tem direito á vida.

Na Baliza, portanto, não ha roubos.

As casas, durante a noite, permanecem com as portas abertas, escancaradas, e paradoxalmente inaccessiveis. Montões de cascalhos, onde ha o diamante, ficam fóra no terreiro sem que pessôa alguma tente vasculhar-lhe as pedras, no impulso irresistivel das cobiças inquebrantaveis.

O ladrão é executado summariamente. E lançam-lhe o corpo ás margens do grande rio, para gaudio das aves carniceiras.

E ai de quem por elles mostrar compaixão! Ai de quem chegar aos pés do corpo inanimado, procurando dar-lhe sepultura, ou, apenas vencido pela sentimentalidade de almas religiosas, accender uma vela ou murmurar uma oração.

Morrerá tambem. Irá apodrecer as margens do grande rio junto ao cadaver do ladrão que lhe mereceu justa piedade.

E a grande lei da especie, desabrochada nas manifestações do amor, occupa logar preponderante na taba dos garimpeiros.

E elles vivem felizes, vivem livres. Não lhes assombram as noites bem dormidas, pesadelos em torno do divorcio ou do adulterio.

Amam a mulher que escolheram. Livremente. E matam sobranceiramente quem a cobiçar, sem merecer castigo da clan.

A policia creada pelas exigencias da civilização, si lá quizer ir, precisa despir a farda. O soldado fardado é recebido com aversão: explosões symptomaticas da natureza rectilinea e equitativa do selvicola.

* * *

Foi em Baliza que appareceu Benedicto Faustino, uma tarde, quando a grande paz dos crepusculos longos descia sobre a aldeia dos garimpeiros.

Um novo. Vinha de longe. Descalço. Os pés feridos. Pelle queimada pela inclemencia das soalheiras. Um pallor de doença circumdava-lhe os olhos mortiços. Não teve que apresentar passaportes nem provar identidade. Disse que viéra tambem buscar as pedras fascinantes que dormiam nos caldeirões torvos do grande rio.

E ficou. Veiu a estação das aguas. Tempestades horriveis, ventanias ululantes, que passavam pela floresta, torcendo, quebrando as arvores gigantes.

Uma tempestade de inactividade, para os rudes caçadores de pedrarias rutilantes.

E Benedicto Faustino viveu todo esse tempo, no maior dos mutismos, victima duma profunda melancolia, que o levava a ficar horas e horas, meditando, abrigado nalgum socavão, emquanto a chuva cantava no alto, e as enxurradas densas iam engrossar as aguas do rio.

Vivia arredio de todos os companheiros, pouco conversava, anseiando para que chegasse o momento propicio, afim de atirar-se á lucta, arrancando do seio egoista das aguas cinzentas os diamantes enfeitiçadores.

Gostava de relembrar os ultimos mezes que passára em Santa Luzia, a sua triste terra natal, donde trouxéra no coração duas forças soberanas: a paixão da riqueza e o amor duma mulher.

* * *

Num domingo amormaçado e enervante, Benedicto Faustino conhecêra Maria Angelica.

Tarde de novena. Igreja alva no alto da praça, no fim da melhor rua do villarejo.

Maria Angelica não era bonita: um typo soberbo de adolescente, a que os vinte annos davam uma impressão forte de carne sadia e requintada. Na realidade, o que possuia de bello eram os olhos negros, muito grandes e sedosos.

Benedicto Faustino era um caboclo rude e sincero. Não poude occultar a Maria Angelica a impressão que sua mocidade viéra despertar-lhe no temperamento sopitado de quarentão quasi casto, distrahido em asperas lides sertanejas.

Maria Angelica sorriu enlevada á ingenua confissão: e Benedicto Faustino não teve outra intenção, desde ahi, senão a de dedicar-lhe toda a sua vida.

E foi um curto e suave idyllio, feito de sonhos e phantasias, collimado o doce instante do casamento, na igreja clara e silenciosa. E no dia em que procurou o velho Borba para contar-lhe a nova aspiração que surgira em sua vida, teve a mais dolorosa das decepções. Antonio Borba, o pae de Maria Angelica, era um velho avarento, e já trazia em vista um fazendeiro rico para marido de sua filha. Só daria a sua menina a quem tivesse muito dinheiro.

Datou dahi a idéa de Benedicto Faustino embrenhar-se pelos sertões a fóra, até encontrar os garimpos das margens do Araguaya. Embalava-o a doce convicção de voltar rico, com as pedras rutilantes a transbordarem do cinturão de couro. E então, num gesto de renuncia á riqueza asperamente conquistada, derramaria todos os diamentes nas mãos do velho avarento. E depois, Maria Angelica, o amor, a realização cabal de todos os seus sonhos ingenuos e felizes...

* * *

(*Cont. na pag. seguinte*)

— E, a ti, nunca te offereceram trabalho?
— Só uma vez. Porque, nas outras occasiões, sempre me trataram com carinho...

O ROMANCE DO GARIMPEIRO

(Continuação)

Cessára a epoca das chuvas.

Grande e febril actividade na povoação dos garimpeiros. Calor extenuante. Ao sol loiro, inquietante na sua eclosão de luz cruel, inimigo das culturas, annunciador das calmarias estorricantes, — mulheres espantadas, vultos de homens semi-nús, em refracções luminosas de carne bronzea.

Modorrentos, calmos, hyper-fatalizados, os garimpeiros se lançavam na caça ao diamante, e o insuccesso das primeiras batidas não lhes esmorecia o animo, pois, ás vezes, o resultado feliz dum dia compensava os longos mezes de espera vã.

Benedicto Faustino, no emtanto, vivia triste e desanimado. A profunda paixão que lhe corroia a alma não lhe dava logar para as esperas longas e retardadas. Tinha pressa de voltar: não fosse Maria Angelica esquecêl-o...

Não precisava que o sol viesse annunciar o começo da lide exhaustiva: bastava que o céu apresentasse o pallido reflexo da madrugada, e já Benedicto Faustino mergulhava nas aguas cinzentas do Araguaya, obsecado pela loucura de sua grande ambição.

A sorte porém não lhe sorria, e passou longos mezes sem que visse concretizar-se a imagem de seu sonho. Por fim, desanimára, revoltado contra tão iniqua perseguição do Destino.

Já não ia á cata das pedras verdes: ficava largo tempo nas praias, as mãos cheias de areia, os olhos cheios de lagrimas, os cabellos revoltos açoutados pelo vento caprichoso.

Completamente entregue ao seu desalento, falava baixo, como quem sonha: palavras incoherentes, sem sentido...

E para elle assim decorria o tempo, cheio de arrebatamentos e de sonhos, de coleras mal contidas e de amarguras suffocadas.

* * *

Ha na Baliza o "Caldeirão do Desespero".

Um pego formidavel com mais de vinte pés de profundidade, cheio de torcicollos e forrado de pedras agudas como punhaes.

Poucos se arriscavam á aventura de mergulhar no caldeirão horripilante. Porque no fundo das aguas cinzentas a morte aguardava sempre o audacioso.

MÁGOA DE PIERROT...

Colombina, voluvel e maliciosa,
após aspirar um pouco de perfume,
languidamente voluptuosa
para os braços de Arlequim passou...

Depois, quanto ciume
nasceu na alma de Pierrot!
... Um romance que se finda
porque o amor que existia,
como um frasco de perfume
se evaporou...

E Colombina linda, linda,
toda esguia,
para os braços de Arlequim passou...

E Pierrot, o pobre Pierrot,
para esquecer sua grande mágoa
e a mulher que tanto amou,
já com os olhos rasos d'agua

Mas, o mergulhador que voltar trará nas mãos crispadas um punhado de diamantes.

Mathematicamente: como a existencia do sol ou a curvatura ao circulo.

Ou então no voltará: mas, si apparecer nas espumas borbulhantes das aguas crespas, trará diamantes gigantescos, descommunaes...

Lá em baixo, ha um viveiro inextinguivel de diamantes. Mas a percentagem dos que voltam é diminutissima.

De vinte homens que se arrojaram á garganta devoradora, conta-se que voltaram apenas dois. E esses com as mãos transbordantes de diamantes, os olhos tremendamente esgazeados de quem sentiu o halito perturbador da morte.

Uma tarde, Benedicto Faustino tomou a grande resolução: iria affrontar as iras do abysmo sanguinario.

Contornou o barranco, para alcançar o cimo do Maçaro, o cavalleiro do caldeirão homicida.

O ultimo rio do astro moribundo deu em cheio numa nuvem negra, tornando-a rubra, plena de cambiantes vivos, como enormes mosaicos vermelhos, suspensos por columnas moirescas de marmore côr de fogo. O crepusculo era a loucura rubra dum pyrotechnico bizarro. Benedicto Faustino olhou para baixo: o desalinho das palhoças humildes, centro de tanta febre e de tanta ambição.

Uma expressão incontida de dôr e de abandono invadiu-lhe o coração ferido. Na sua mente superexcitada veiu pairar a silhueta gracil de Maria Angelica, com seus grandes olhos, meigos e bons. Uma doce tristeza, serena e resignada, afagou-lhe a alma.

E, calmamente, abrindo os braços, como si fosse voar, atirou-se ao abysmo. O choque dum corpo nas aguas cinzentas. Grandes circulos foram morrer nos barrancos agrestes.

Depois... Silencio. Immobilidade. Um gavião passou trilando no ar quieto. E a noite chegou: uma festa feá no céu illuminado...

Ninguem presenciou a ultima tentativa de Benedicto Faustino, que fôra desvendar o segredo do abysmo e espatifára a cabeça nas pedras aguçadas do caldeirão traiçoeiro.

* * *

Desprezo da vida ou ansia de viver?
Definam os psychologos...

Foi ao cabaret se embriagar...
E não bebeu... Chorou, chorou...

Ah! como é bom a gente chorar
com um vulto de mulher bailando na retina!

E chorou tanto, tanto,
que encheu a taça de lagrimas
transbordando-a em pranto
e viu no seu fundo reflectido,
o vulto de Colombina,
fina e comprida,
como um fio de serpentina,
a dançar... a dançar...

E não bebeu... Chorou, chorou...
copiosamente,
dolorosamente...

Ah! terá essa mesma sina
todo homem que amar actualmente
com o lyrismo de Pierrot!

EVAGRIO RODRIGUES

TEMPOS MODERNOS — Vou até a França.
— Espero receber um cartão teu.
— Não tenho tempo. Volto amanhã.

O SEGREDO DE UMA MULHER

LOIRA E MORENA

— OMARZINHO, mamãe está te chamando.

Omar tinha aproveitado uma brecha para vir até a rua.

— Diga a mamãe que não tem sol, não.

Célia desapparece e volta em seguida.

— Mamãe diz que tu entres.

— Olha, Celinha, diga a mamãe que não tem nem um pingo de sol.

De novo Célia vae e volta.

— Ella respondeu assim: "Elle entre já".

— Mamãe não quer que eu venha aqui quando tem sol. Ella não sabe. Diga-lhe assim: "Não tem sol; só tem sombra".

Realmente, no momento o dia estava sombrio.

Célia mais uma vez desapparece para voltar com esta resposta decisiva:

— Mamãe respondeu: "Diga a Omarzinho que entre já; si elle não entrar, vae ver o que lhe acontece"...

A esta voz, Omar passa a raciocinar, junta as bujigangas delle, acha melhor ir mesmo para dentro e mergulha no *bungalow*.

Entretanto, Célia fica exposta ao sol, que já estava descoberto. Dahi a pouco, surge numa janella a paciente mãezinha:

— O outro entra e ficas no sol...

— Mamãe, eu quero me queimar!

— Mas eu não quero que tu te queimes...

E a pequerrucha, por sua vez, mergulha tambem no *bungalow*.

* * *

Tinha razão a pequenina Célia. Está em voga a côr morena. A Branca de Néve vae ás praias de banho tomar banho de sol para ficar trigueira; pois, dedilhando os voluptuosos violões há muito, cantam os trovadores esta bôa singela e sentimental:

A côr morena
é côr de prata.
A côr morena
é que me mata.

E' do meu gosto;
é da minha opinião:
hei de amar a côr morena
com prazer no coração.

A côr morena
é côr de oiro.
A côr morena
é o meu thesoiro.

E' do meu gosto,
é da minha opinião:
hei de amar a côr morena
com prazer no coração.

A côr morena
é côr de lyrio.
A côr morena
é o meu martyrio.

E' do meu gosto;
é da minha opinião:
hei de amar a côr morena
com prazer no coração.

A côr morena,
côr de canella,
é a côr morena
que vi mais bella.

E' do meu gosto;
é da minha opinião:
hei de amar a côr morena
com prazer no coração.

* * *

Evoquemos Bovier de Fontenelle:

O deslumbrante espectaculo da Aurora — a todo momento decantada pelos poetas e preferida dos plumitivos que a pintam com côres divinas em phrases cuidadosamente burilladas — lembra-nos encantadora rapariga loira, gentil, modesta e donairosa com seu sorriso cheio de ternura.

A casta Diana, pállida e triste, com aquella tristeza dolente que nos move á piedade e nos delicia com o sereno luar — esse luar piedoso, preferido dos namorados venturosos, esse luar sublime que dá idéa perfeita da sã poesia — lembra-nos adoravel morena, mimosa, pállida e triste com seu olhar cheio de mágoa.

Que mais te sensibiliza, homem: o sorriso alegre da loira ou o olhar magoado da morena?

Ainda que teu coração fosse uma balança de duas conchas, quando tivésses de examinar o caso, subsistiria a duvida!

Até as crianças dissimulam as suas preferencias!

De Hormino Lyra

Um dia desses, perguntáramos a Omar:

— Si tivesses de escolher entre uma pequena loira e outra morena, qual das duas preferirias?

Respondêra logo logo:

— As duas!

Note-se: esse camaradinha tem apenas quatro annos.

— Não quererias tambem uma preta? — pilheriamos.

Franzira a testa e retrucára seccamente, a caminhar para a frente de mãos para trás:

— Não. Só a loira e a morena!

CECILIO ROCHA (Matto Grosso) — Meu caro confrade. O seu apresentado não me appareceu, até agora. Mas creia que tudo farei por elle, desde que me procure e eu lhe possa ser util.

Quanto ao mais, agradeço-lhe as gentilezas que me tem dispensado.

NORA LOISI (Bahia) — Palavra de honra! A sua carta bonita é tão elogiosa á minha pessôa que não tenho a coragem de transcrevêl-a.

Contento-me com agradecêl-a e guardál-a entre as minhas bellas coisas preciosas.

O diabo é que a sua cartinha vem assignada com simples pseudonymo. Isso lhe diminúe o valor de 50 %...

PHAETONTE (Paraná) — A sua carta é um documento commovente da saudade que se póde ter por uma desconhecida.

Leiamol-a antes de qualquer commentario:

"Amigo Yves. Mais uma vez venho importunal-o, enviando esta missiva.

Será muito breve.

Encerra somente um pedido, que venho trazendo n'alma, desde o dia em que li em "Fon-Fon", a morte de "Povero Fiore", a sublime "Povero Fiore", consulente de F. F., que sempre conservou seu verdadeiro nome incognito, como você mesmo o disse: "como demonstração de um innocente capricho de mulher".

O que peço, é somente isto:

Um conto de Natal, dedicado á "pobre" "Povero Fiore", que dorme o somno tranquillo da paz, embalada pela saudade de todos os leitores de "Fon-Fon".

Em agradecimento, e tambem como uma admiração pela sua pessôa intellectual, envia uma lembrança de Curityba, a capital dos pinheiraes maravilhosos, o

Phaetonte."

Como o sr. me pede que escreva um conto de Natal para a memoria da bella "Povero de Fiore", eu direi que agora já é tarde.

Natal já vae longe. E quem dirá que chegarei ao outro ?

Em todo caso, contarei aqui um episodio que tem relação estreita com a nossa morta querida.

Houve ahi um certo Natal em que a doce e amavel "Povero fiore" me offereceu um livro precioso.

Esse livro é *Rosa*, fantasia, em forma de novella, do escriptor italiano Guido da Verona.

O volume vem numa encadernação de luxo: velludo negro, com o titulo em letras cor de ouro.

A escolha dessa edição sempre me impressionou.

— Porque esse velludo ?—dizia eu.—Parece uma coisa funebre. *Rosa*. Velludo negro. Novella triste em que se fala de morte. O escriptor é sentimental.

Alguem, ás vezes, tentava uma explicação:

— Fantasias de moça... Espiritualismos... Bizarrices, talvez.

Agora, que "Povero Fiore" já não é deste mundo, eu encontro uma analogia triste, pungente, dolorosa, que é, ao mesmo tempo, uma lembrança amargurada.

Essa *Rosa* de Guido da Verona é a imagem viva de "Povero Fiore". E' uma *rosa* que se cobriu de luto.

O luto das trevas eternas e das saudades afflictas que deixou.

HELENA DO'RIS (Santa Catharina) — Olá! Uma cartinha côr de malva. Vejamos a que V. Ex. me escreve, D. Helena. E' v[...] dade que não acredito nos lab[...] femininos. Mas eu prefiro as m[...] tiras mais irritantes de uma [...] lher ás verdades mais doces e[...] eidas de um marmanjo.

Lá vem potóca:

"Caro Yves. Quando rece[...] "Fon-Fon", a primeira cousa [...] faço é ler a sua corresponden[...] de Saibam todos... E de tant[...] ler, Yves, sabe ? pensei que se[...] delicioso entrar no numero [...] suas correspondentes.

Por isso aqui estou a escrev[...] lhe, sem saber o que dizer ao [...] poeta preferido...

Sempre tive por você a m[...] profunda admiração, desde [...] tempo de Collegio. E gosto ta[...] do poeta Bastos Portella, que [...] guem chega a enciumar-se [...] isso. E sabe você quem é este [...] guem ?

O meu noivo, Yves ! Mas é f[...] midavel adorar-se um homem [...] sim ciumento, não acha ? Você [...] ria capaz de tér tanto ciume [...] sua noiva ?...

Escuta, Yves, porque você [...] que todas as mulheres são ing[...] tas ? Que máu ! E quasi que [...] gente zanga com você ! Si al[...] ma mulher foi ingrata, nem to[...] hão de ser. Você ainda não co[...] tatou isso entre as suas amig[...] nhas correspondentes ?

Que zangado você está de [...] esta xaropada, não ?

Mas escrever-lhe me dá ta[...] prazer... que até esqueci o d[...] prazer que você poderia ter [...] ler a cartinha de

Helena Dóris"

LA FEMME (S. Paulo) — [...] a carta que v. ex. me endere[...] visando apenas um desejo eg[...] tico: a publicação de um con[...] de ataque contra os pobres h[...] mens.

"Prezado Snr. Yves. Leitora, [...] sidua do "Fon-Fon", sigo a s[...] critica da pagina "Saibam [...] dos...", e, apezar de achal-o b[...] ironico, tive coragem para envi[...] lhe um pequenino conto, que, [...] talmente seguirá o destino da c[...] ta de papeis.

Seja como for envio-lhe e fi[...] a espera da sua critica repleta [...] amabilidades ironicas.

Para terminar, digo-lhe que s[...] santista, conto vinte e cinco a[...] nos e sou casada.

Aprecio literatura e poesia.

Grata, peço-lhe que me perdôe [...] aborrecimento que vou causar-lh[...]

La Femme."

Ora, eu gosto de v. ex. com[...] paulista que é; mas não a su[...]

porto como literata — porque a amostra das suas possibilidades literarias é má —, e quando declara textualmente, na "Historia de um pyjama":

"Meu marido ao ver-me banhada em pranto, beijou-me muito e pediu-me que não usasse calças, que as calças foram creadas para os homens.

Hoje espero por elle e sei que me trará um presente. Um presente para a sua mulhersinha, como costuma dizer.

Que dizes, não estás de accôrdo que os homens são uns egoistas e maus? Estarás por certo, pois nós sempre estamos de accôrdo.

Tua affectuosa Olga."

Variam infinitamente as fórmas do egoismo humano. Não é só o homem, rasgando a perna de um pyjama que é egoista; é tambem a mulher, que tudo quer para si e para os outros... nada...

Em todo caso, creia que tenho a maior bôa vontade em lhe ser util. Nisso, pelo menos, eu, que sou homem, não sou nada egoista...

Gostou?

CONSTITUCIONALISTA (São Paulo) — Temos, no sr., creio eu, um escriptor em vesperas de apparecer. Pelo que vejo, deve ser humorista. Mas... o diabo é a graça, o chiste, etc.

Escreve o sr.:

"Meu caro Yves. (Que chapa velha, não acha?) Gosto da sua franqueza, commum aliás, quando é grande a distancia que separa as partes. Cuidado porém. Dia virá em que tambem bordoadas serão transmittidas radiographicamente e, então... não me quero ver no seu logar.

Tranquillise-se. Não será tão já. Continúe pois a explodir em cólera contra as "hervas danninhas" das nossas letras. Ouso affirmar-lhe, entretanto, que não tem razão o Amigo e até, que é injusto. Para que se possa dar valor ao bom, é preciso que haja o mau. Logico. Indiscutivel. Logo, essas "hervas danninhas" são uteis e necessarias.

Sem ser advogado, parece que iniciei bem a minha defeza.

Não pertenço ainda á classe que estou defendendo, mas sou pretendente.

E aqui, cathegoricamente affirmo: vou escrever um livro.

Não quero dizer que será lido. Ficará ornando, quem sabe, as estantes das livrarias de estradas de ferro, mas escreverei. Não venho pedir que o prefacie. Não quero que o prefacio valha mais que o proprio livro.

A sua opinião, ainda que desfavoravel, será, entretanto, inserta na primeira pagina. Por ex.: "O seu livro será uma patacoada" (sem offensa a Cornelio Pires). Accrescentarei apenas "do "Fon-Fon" de tal data".

Julgo que me comprehende. Mas tigue com paciencia este pequeno trecho, sufficiente, creio, para um juizo da obra toda. Aliás, são narrações, eu quero saber apenas se sou capaz de as fazer. Referem-se ao ultimo movimento e serão quasi as unicas sahidas realmente das trincheiras.

(Com ref. a um combate em Cunha):

"Attribuiram, os dictatoriaes a derrota á policia do Espirito Santo. Aliás soldados de "espirito santo" não luctariam com S. Paulo, ainda que assistidos pelo "Espirito Santo Cardoso". E das divergencias que se verificaram então, factos graves resultaram, chegando a haver cerrado tiroteio. Não sei se os espiritosantenses se rehabilitaram, mas o facto é que chegaram a se entrincheirar em plena rua de Paraty, donde desafiaram outras tropas do governo".

Não quero enfastial-o mais; fico nisso. — *Constitucionalista*."

Ora, o sr. faz como alguem que me apresentasse o nariz ou a orelha de uma pessôa para que eu dissesse si essa pessôa era feia ou bonita.

Posso eu julgar o seu livro por um trecho pequenino? Não é possivel.

O sr. fez uma série de trocadilhos. Mas estes não me fazem rir — só me fazem chorar, porque, quando os leio, comprehendo que o meu destino é o triste destino de um homem que nasceu para lêr versos maus, contos desoladores e trocadilhos que entristecem...

No fim de contas, eu chego a esta conclusão: posso dizer que o *nariz* do seu livro é bonito. Mas, o resto?

Um livro não se faz apenas com um nariz, isto é, um rosto não se compõe somente do appendice nasal. Ha a bocca, os olhos, o cabello e as orelhas que, ás mais das vezes, são compridas de mais...

Vamos! O sr. me mostrou tão somente um pequeno trecho da sua obra. Isto é, o nariz...

Mostre-me agora o tamanho das orelhas... do referido livro, entendase bem...

A. M. GUIMARÃES (?) — Upa! Lá vem um poeta... Isto é, poeta não, literato... Ou por outra, nem poeta nem literato — epistolographo, missivista, cavalheiro que escreve missivas...

Tenho a impressão de que o sr. é perito em cartas... Até me faz lembrar a anecdota do papagaio pensador...

Um Jéca, bruto, mas esperto, vendeu um papagaio a um inglez.

Jurou-lhe que a ave era demasiado palradora. O britannico levou-a para casa, e esperou que o passaro falasse.

Mas nada.

O inglez voltou á casa do Jeca:

— Entem, senhorre? Senhorre diz que papagaio fala de mais e papagaio fica calado dia inteiro? Como é isso, senhorre?

E o jéca, com a maior naturalidade deste mundo:

— Ah! Eu disse a ócê que falava, mas não era muito... Agora p'ra pensá elle é um bicho... Pensa o dia todo...

O sr. é assim: — um bicho para escrever cartas...

E a de hoje é deliciosa de... ingenuidade...

Que as leitoras bonitas se deliciem com ella...

Lá vae:

"Meu illustre Amigo Yves. Foi immenso o meu prazer ao lêr no "Fon-Fon" do dia 11 do corrente, a publicação da ultima carta que lhe enderecei, justificando, isto é, expondo o motivo que tenia me levado a commetter um erro gravissimo como aquelle do qual você já está perfeitamente inteirado.

Em primeiro lugar, devo agradecer-lhe a gen-

(Cont. na pag. seguinte)

tileza de haver dado publicidade a tal carta, pois, em se tornando publica, ella veio apontar a origem da asneira que tive a infelicidade de praticar e esclarecer aos leitores do "Fon-Fon" para que elles possam dar-me o necessario desconto. E ao envez de se rirem de mim, como naturalmente já o fizeram, talvez compadeçam-se, a menos que me considerem como rabiscador ousado que se atreveu a fazer citações dum idioma, sem delle ter conhecimento algum.

Eu poderia, entretanto, pôr em "cheque" um amigo intimo, a não ser que prezasse e respeitasse a amizade que elle me dedica. Todavia, creio que não haverá mal em contar ao bom amigo Yves, o seguinte: — Certa occazião, esse amigo escrevendo-me uma carta de caracter puramente intimo, encerrava o teôr da mesma, assim: "Le votre ami en coeur", (seguindo-se a assignatura) Offerecendo-me opportunidade, perguntei-lhe depois o significado da phrase. E lá veio a resposta ao pé da letra: — "O vosso amigo de cora-?!" — Hum!... respondi, calando-me incontinenti.

O mais interessante, entretanto, não é a asneira que se vê. E' que esse amigo meu houvera estudado a grammatica franceza por mais de quatro annos, num Gynasio Official. Imaginemos se não a houvesse estudado...

Nada me custaria provar o que acabo de narrar, apresentando o documento comprovante. Mas difficil me seria depois evitar um rompimento com o amigo em questão, resultando dahi o sacrificio de uma amizade que, segundo creio, é desinteressada.

Eis, pois, muito caro Yves, a causa primordial do erro gravissimo em que incorri quando lhe formulei a minha primeira carta.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

* * *

Depois de haver aprendido com um ex-estudante de francez — já bem adeantado — o impagavel "le votre" etc., quiz fallar difficil com Yves e lá foi o "balta" do bondel... Uma formidavel martellada na bigorna, cujo timido ainda parece ferir o ouvido apurado do Yves! Puxa!... Até eu estou a rir de mim proprio!

Muito bem. Em segundo lugar, devo dizer ao Yves que nada tenho a desculpar-lhe. Não foi injustiça o que você me fez: muito pelo contrario, — foi justiça! Estava no seu dever de critico, criticar, e como consequencia só devo agradecer a lição recebida, porquanto, do contrario, a não ser que me dispuzesse a estudar o idioma francez com um professor de verdade, incorreria cem ou mais vezes no mesmo erro, fiado na primeira lição erronea que recebi, a qual me foi dada errada (não sei se intencionalmente) — mas, uma carta é documento, e o estylo, segundo dizem, é o homem. Portanto, quem a escreveu...

* * *

Creia que achei engraçado, Yves, o seu modo de dizer: — "... ar displicente, as pernas estiradas, em mangas de camisa, o cabello assanhado, subitamente assumo uma attitude educada, grave, uma compostura meditada, e logo me vem o desejo de mandar comprar umas luvas, uma cartola e uma casaca..." — Tudo por causa do meu sumptuoso "V. Excia."

E's admiravel, Yves! Como eu o aprecio!

Li as suas respostas pelo "Saibam Todos..." e uma dellas foi optima. Gostei, foi de facto! Mas você não deve fazer caso. Pensa que deve existir mais uma irmã do poeta, além das trez que pintou Castro Alves.

Bem. Chega de prosa, caro Yves, não devia occupar-lhe tanto o precioso tempo. Mas, como, com certeza ou pelo menos ao que presumo, você deixa para lêr as nossas cartas depois que se recolhe ou então pouco antes de se levan- (em seguida ao cafésinho tom- na cama), ou ainda, durante o dia, sentado sobre algum divan macio, creio que não lhe faltar- paciencia e animo para nos aturar, não é assim, meu illustre e bom amigo Yves? Espero que sim e aguardo o numero immediato do "Fon-Fon", para lêr-lhe e deliciar-me aos seus escriptos, os quaes tanto aprecio.

Sinceramente, "Votre admirateur."

Só ha uma differença entre o sr. e o papagaio. E' que o sr. pensa e escreve...

OSIRIS (Capital) — Não recebi a collaboração a que v. ex. se refere. E' possivel que o correio ainda me venha trazer.

Quanto ao facto de haver telephonado para esta redacção, em horas desencontradas, sem ser attendida por mim, é coisa que facilmente se explica. E' que presentemente só sou encontrado aqui de 9 ás 11 e de 5 horas em deante.

De 11 ás 5 horas estou no telephone 2-5456.

Não houve, pois, desattenção á sua pessôa, nem tal coisa era possivel, uma vez que não tenho o prazer de conhecel-a, nem mesmo de nome. E' só?

Yves

A SANFONA

De Margot Guezuraya

LEITOR, eu poderia falar-te de um violino ou de uma princezinha loira, si quizesse contar-te uma historia sem patria.

Mas não quero contar uma historia mentirosa; por isso vou falar-te de uma sanfona e de uma joven morena de tez pallida e de grandes olhos escuros.

Outomno, inverno, primavéra... Só no verão abandonava, o leito e partia para a serra de Cordova, em busca de melhoras para a sua saude. E era esta a penosa existencia de Maria Henriqueta. Enfermára desde menina; nunca pudéra brincar nem estudar. Adorava a musica, as flores e os passaros.

Assim cresceu, entre mimos e ternuras. Sua familia possuia haveres, e nada faltava á pequena enferma. Mas, ás vezes em logar de alegrar-se, Maria Henriqueta entristecia com aquelles presentes. Pensava:

— Em breve morrerei. E o homem que toca sanfona nunca ha de saber que sua musica foi uma parte da minha vida. Um doce narcotico nas minhas horas de febre...

Vivia num aposento espaçoso, ventilado; com uma grande janella que dava para o poente.

Mas, no inverno, transportavam Maria Henriqueta para um quarto menor e mais aquecido; e aquella mudança tornava-a, mortalmente triste.

Ella, porém, nada dizia. Aquelle pesar era o seu segredo... O quarto grande, como dissémos, tinha uma janella que dava para o poente. De sua cama podia contemplar o entardecer, as nuvens errantes, os passaros, e, á noite, a lua e as estrellas. Mas não era por isto que gostava daquelle aposento.

Vizinha á casa de Maria Henriqueta, havia um casarão velho e sujo. Havia sempre ali ruidos e canções, linguas de todos os paizes.

E, pela janella do poente, chegavam as notas languidas de uma sanfona tocada com maestria. E ouvindo-a Maria Henriqueta punha-se a sonhar... Desejaria que alguem lhe contasse em todos os detalhes a verdadeira historia do tango. Que alguem lhe descrevesse as mãezinhas santas que têm filhos ingratos, as pequenas operarias que tossem á noite, que morrem de amor.

E por causa daquella musica, soffria quando era transportada para outro aposento.

Uma tarde de setembro, Maria Henriqueta ouviu o rythmo de uma valsa tocada pela sanfona. Estava só e scismava.

Como seria aquelle homem que tocava ? Alto? Magro? Joven? Velho? Não podia mais ficar naquella curiosidade. Tinha de conhecêl-o pessoalmente. Ergueu-se do leito, deu alguns passos incertos. Parecia ébria. Passou sobre a camisola um roupão de flanella branca; calçou as sandalias, desceu as escadas. Foram encontral-a cahida, desmaiada, sobre o ultimo degráo. Cor-

reram todos e o *chauffeur* levou-a nos braços para a cama, qual uma creança adormecida.

Na manhã seguinte — manhã cinzenta e chuvosa, — Maria Henriqueta confessou aos paes a verdade...

— Filhinha — disseram-lhe — não é loucura o que pedes. E' justo que desejes conhecer o homem que tantas vezes distrae as tuas horas.

— E quando irão buscal-o? Quererá elle vir?

— Por que não? Tranquilizaram ao mesmo tempo as duas vozes.

Naquelle mesmo dia, o *chauffeur* da casa de Maria Henriqueta foi ter com o porteiro do velho casarão e mandou chamar o homem da sanfona. Este ouviu-o e pareceu muito atrapalhado; emfim, hesitante, prometteu:

— Sim; diga-lhe que vou, dentro em pouco. E resmungando, voltou ao seu quarto miseravel e sujo.

Seu companheiro, um bello rapagão, olhou-o a rir. O musico viu que seu amigo estava inteirado de tudo.

— Não me animo — dizia o tocador.

E, fitando o outro:

— Por que não vaes tu?

— Iria — disse o outro — mas a coisa não é commigo. Si a menina descobre...

O musico lançou sobre si mesmo um olhar de piedade:

— Não, não vou! — disse num tom doloroso. — Que desillusão para essa creança que, por certo, imaginou outra coisa...

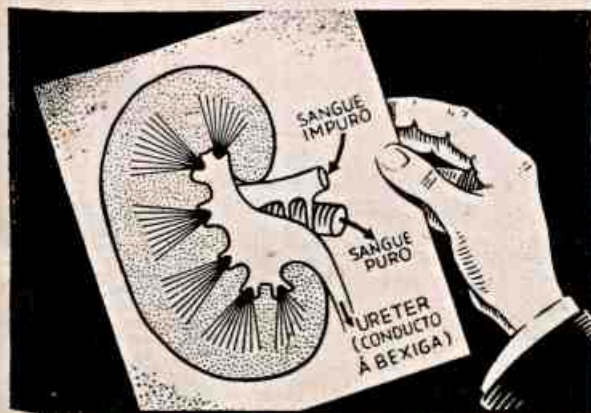
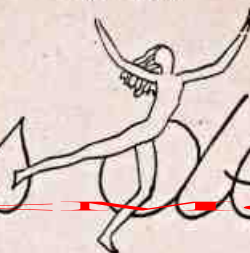
Os dois homens olharam-se. O olhar de um supplicava; pelos olhos negros do outro passou uma nuvem, de estranha tristeza:

— Bem. Irei...

E poz no hombro do musico a sua mão fraternal.

Naquella mesma tarde, ao escurecer, a sanfona redobrou seu enthusiasmo... Maria Henriqueta, sob as palpebras descidas, retinha a imagem varonil, sadia e formosa do rapaz que havia subido a visital-a... E que agora tocava para ella porque sabia que a sua musica era um milagroso narcotico em suas horas de tristeza, e tão necessaria quanto o ar que entrava por aquella janella. Tão desejada como o céu, as estrellas, a lua, que dali se contemplavam.

A tarde que morreu teve um sorriso estranho e feliz.

A sanfona emmudeceu um instante. Mas depois recomeçou a tocar...

Notas de Arte

BERTA SINGERMAN E A ARTE DA PALAVRA. — Desde que a vimos e ouvimos pela primeira vez em Março de 1925, appareceu-nos Berta Singerman como interprete sem par da Poesia. Embora tenhamos comparecido ao seu primeiro recital com o espirito prevenido de que seria elle uma decepção para a nossa sensibilidade — pois não imaginavamos uma declamadora que fosse capaz de produzir o successo apregoado pelos preconicios com que era annunciada a artista — a verdade é que ficámos maravilhado. Essa impressão, tão subita quanto inesperada, registramol-a nestes versos então publicados aqui no Rio, e mais tarde transcriptos em Lisbôa:

Vazia a scena está. Mas, num instante,
Eis que toda ella se enche e se illumina.
Ao palco assoma, altiva e deslumbrante
Sacerdotiza da arte peregrina.

Pára, contempla a multidão vibrante.
Ameiga os gestos; o semblante afina;
Enfuna a veste, e, passaro cantante,
Modula a voz á inspiração divina.

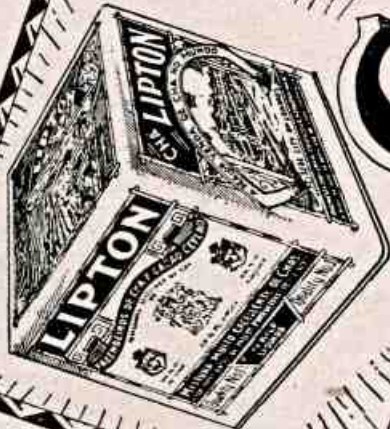
A' proporção que a reviamos e reouviamos em recitaes subsequentes, mais se accentuava a nossa impressão da excepcionalidade da genial artista. E hoje, e desde 1927, temos a inabalavel convicção de que a sua arte original e unica é uma arte encyclopedica, uma arte religiosa, dando á palavra religião o significado positivo do estado da alma, sympathico, synthetico e synergico, do synonimo de unidade e de união.

"E' a arte de Berta Singerman — escrevemos em 1927 — synthese de mil manifestações estheticas; tem algo de cathedralesco; é santuario de todas as artes." (1)

Que não nos enganavamos na comprehensão da maravilhosa interprete da Poesia, prova-o o minucioso e documentado depoimento da propria artista, feito com erudição e com belleza no artigo sensacional que escreveu depois para "O Jornal" sob o titulo suggestivo de — *O meu conceito individual sobre a arte da palavra*.

Nessa nova manifestação do seu genio esthetico, Berta Singerman mostra que a autora não é inferior

(*Cont. na pag. seguinte*)

LIPTON
CHÁ LIPTON
O MELHOR
NO MUNDO
CHÁ
LIPTON
LIPTON
LIPTON

á interprete, que sabe, com o mesmo esplendor, crear e reproduzir belleza.

Convincente e persuasivo, em periodos soltos e incisivos, feitos de espirito e coração, versa com enthusiasmo o problema da sua arte singular, revelando erudição e originalidade na exposição das idéas, elegancia, harmonia e belleza no modo de as expôr.

E' de se vêr e admirar-se o ardor com que defende a arte da palavra em todo o seu magico esplendor: "a palavra, expressão maxima do ser humano, diz a grande artista, e que "sendo como a musica, emoção, sentimento suggestivo, é maior porque é tambem razão e intelligencia"... "E' com a synthese de todos esses elementos, musica, côr, plastica, reduzidas a

NOTAS DE ARTE

(*Conclusão*)

uma só expressão, harmonizando as suas differentes modalidades, que formei a minha arte. E dahi vem que não declamo, que não recito, que não canto, e, comtudo, poderia perfeitamente fazer cada coisa em separado, poderia ser actriz, poderia ser cantora, poderia ser uma *diseuse*, simplesmente; mas não seria... não seria eu. Foi necessaria a reunião destes differentes elementos, para constituir minha maneira... Em resumo, o artista da palavra, além das qualidades de musicalidade, emoção, plasticidade, intelligencia e espirito, deve possuir, como todos os outros artistas, essa qualidade indefinivel, que consiste em transfigurar-se, em criar um mundo á parte (o mundo da arte, o mundo melhor), obrigando o espectador a esquecer-se de si mesmo, e commungar com o artista, nas fontes puras da belleza."

Eis ahi o nosso juizo sobre a arte original de Berta Singerman reconhecido pela palavra autorizada da propria artista. A não ser pequenas divergencias de detalhes, sentimos com jubilo não ter errado quando admirámos nella a artista synthetica que realmente é. E tanto maior é o nosso contentamento quanto outros espiritos; alguns de real merito sob varios aspectos, não a comprehenderam como a comprehendemos, pretextando apreciala como simples declamadora, mera dictriz de verso e prosa.

Pregando e praticando a sua maneira synthetica de exteriorizar a belleza por meio da palavra, Berta Singerman creou um genero novo, uma arte nova, de que não se conhece antecessor e que difficilmente encontra successor. No seu exaggero, um poeta chileno parece ter expresso uma grande verdade quando, falando da gloriosa musa da Poesia, disse que os elementos que a formaram andaram durante millenios esparsos pelo cosmos até que um dia se congregaram e ella nasceu... quando morrer, nunca mais se reunirão de novo.

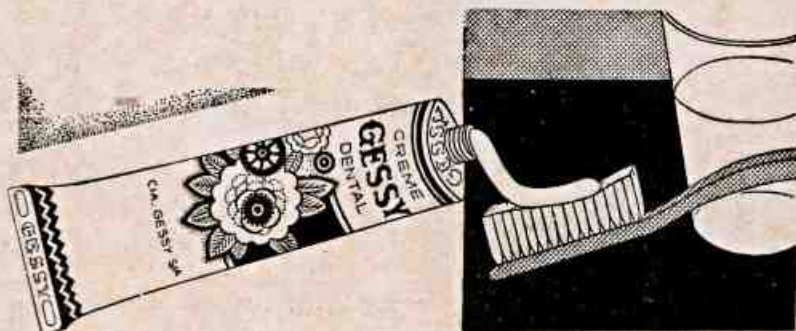
Entretanto, se o genio é raro em todos os generos, nem por isso a obra do genio deixa de ter cultores valiosos capazes de alimentar o fogo sagrado, até que lhe surjam os verdadeiros successores. E' possivel, pois, que a arte de Berta Singerman deixe discipulos, forme escola, que perpetue a obra iniciada.

Desenvolvendo, com o mesmo vigor logico e o mesmo esplendor verbal, as idéas do artigo inicial, Berta Singerman, num livro que será famoso, poderá deixar aos vindouros a biblia do *theatro synthetico e impessoal*; e da *poesia da camera* — forma da arte verbal correspondente á sua homonyma musical — tudo novas e esplendidas creações da genial artista.

Mas emquanto não chega esse livro, bastará que, traduzidos em todas as linguas occidentaes, percorra o mundo o sensacional artigo. Será o anteprogramma de todas as recitas da gloriosa actriz da dicção, da creadora da melopéa symphonica, da sublime interprete da Poesia. Conhecendo-o terão os espectadores e ouvintes a mais sabia e a mais bella demonstração da arte sem igual de Berta Singerman.

OSCAR D'ALVA

(1) REIS CARVALHO (OSCAR D'ALVA) — *A arte original de Berta Singerman*, art. em "O Globo, de 24 de outubro de 1927, ed. da m.

E
UM COLLAR DE PEROLAS
EM ESTOJO ESCARLATE!
Nunca inspirou essa exclamação, quando os seus dentes brilharam na claridade de um sorriso?
E' tão facil fazê-lo! Dentes bellos não são mais do que resultado de attenciosos e intelligentes cuidados.
Após a mastigação dos alimentos, sempre ha detrictos que se escondem entre os dentes ou na parte em que estes encontram a gengiva. A escova remove grande parte dos residuos. Nem todos, porém, ella attinge. O novo Creme Dental Gessy, devido á sua formula anti-acida, em que entra Leite de Magnesia, neutraliza os effeitos das fermentações buccaes, de maneira que mesmo o que a escova não consegue remover, o Creme Dental Gessy annulla.
Fresco, adstringente, de sabor agradavel, o novo Creme Dental Gessy clareia os dentes e empresta-lhes brilho sem offender o esmalte, porque não contém substancias arenosas.
Pela manhã, ao levantar, ao meio dia, após o almoço e á noite, antes de deitar, escove cuidadosamente os dentes com o novo Creme Dental Gessy. E faça esplender o thesouro magnifico que se exhibe entre os seus labios de coral.
CREME DENTAL
GESSY
PRODUCTO DA CIA. GESSY S. A.
De Manhã
Ao Meio dia
A Noite
CREME GESSY DENTAL
CIA. GESSY S/A
GESSY

MARLENE DIETRICH
Consagração maxima do "it" feminino, em
A VENUS LOURA
(Blonde Venus)
A historia dolorosa de um sacrificio supremo.
Um conto de fadas romantisado entre dois astros:
MAURICE CHEVALIER
e
JEANETTE MAC DONALD
em
AMA-ME ESTA NOITE!
(Love me to-night)
UM PANO DE AMOSTRA
DA CONTRIBUIÇÃO DA PARAMOUNT, PARA A ESTAÇÃO CINEMATOGRAPHICA DE 1933
Paramount Pictures
A pompa espectacular de Roma, a magnifica, reproduzida por
CECIL B. DE MILLE
em
O SINAL DA CRUZ
(The Sign of the Cross)
com
Claudette Colbert,
Elissa Landi —
Fredric March,
Charles Laughton
APPLICANDO A FÓRMULA INFALLIVEL COM QUE FAZ RIR O UNIVERSO:
HAROLD LLOYD
em
CINE MANIACO
(Movie Crazy)
com
CONSTANCE CUMMINGS
A mulher que o reintegrou na sua propria consciência.

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 9

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 4 de Março de 1933

O ZÉ PEREIRA

ANTIGAMENTE tanto no Rio de Janeiro como em qualquer capital de Estado ou cidade de terceira categoria, o carnaval era annunciado quinze ou vinte dias antes de sua data, pela zoada do Zé Pereira. A' porta das casas commerciaes vendedoras de artefactos carnavalescos, nas sacadas dos clubs tradicionaes ou nos coretos das praças públicas, meia duzia de músicos batiam bombos, faziam retinir pratos, sopravam clarins e trombones, emquanto a molecada ia cantando:

Viva o Zé Pereira,
que a ninguem faz mal!
Viva o Zé Pereira,
no dia do carnaval!

Durante longas décadas, não se ouvia outra música nem se cantava outra canção carnavalesca. Essa bastava a toda a gente e o espirito popular synthetizava nessa individualidade do Zé Pereira o proprio carnaval. Com esse nome brasileiro e popular, elle era o nosso Momo. Fazia parte integrante do nosso folk-lore. Estava enkystado nas tradições de nossa gente. E não havia necessidade, portanto, de se inventar um typo para representar o carnaval brasileiro.

Mas nós somos o povo-macaco. Somos os *bandar-log* de que fala Kipling. Inconscientes e inconsequentes, largamos o que temos na mão para apanharmos o que está na mão dos outros, ou imitamos o que vemos fazer. Todo brasileiro maior de quarenta annos acreditou na meninice, passada no Norte ou no Sul do paiz, que, na noite de Natal, o Menino Jesus voando como um passarinho, punha presentes e brinquedos nos chinellos que as crianças bôas deixavam ao peitoril da janella e carvões nos das crianças más. Pois bem, abandonámos, esquecemos esse lindo Menino Jesus, herdado do colonizador, conservado na alma de muitas gerações de homens livres, de mestiços e de escravos através da tradição oral, para adoptarmos o Papae-Noel barbudo do inverno europeu, que entra pelas chaminés e sáe do borralho das lareiras que nunca possuimos. Para substituil-o, não pocurámos o olvidado Menino Jesus da nossa gente, porem inventámos a tolice sem par do Vovô Indio, como se não fôsse do indio que o Brasil menos herdou.

A exemplo de algumas cidades estrangeiras, onde se usa festejar a chegada de bonecos gigantes, reis de Quaresma, reis da Folia ou reis do Carnaval, todos elles filhos legitimos de tradições locaes que poderia descrever miudamente, mas que basta assignalar, o Rio de Janeiro recebeu e homenageou o Rei do Carnaval. E' curioso que a autoridade municipal e que o Touring Club, ambos proclamadores continuos do *que é nosso*, não tenham intervido no sentido de dar o cunho brasileiro a essa idéa interessante. Nada mais facil do que nacionalizál-a. Para tanto não era preciso mais do que receber e homenagear á sua chegada ao Rio de Janeiro o nosso velho e querido Zé Pereira, dono tradicional do carnaval brasileiro. E o Zé Pereira é muito mais democratico que o tal rei de papelão...

GUSTAVO BARROSO

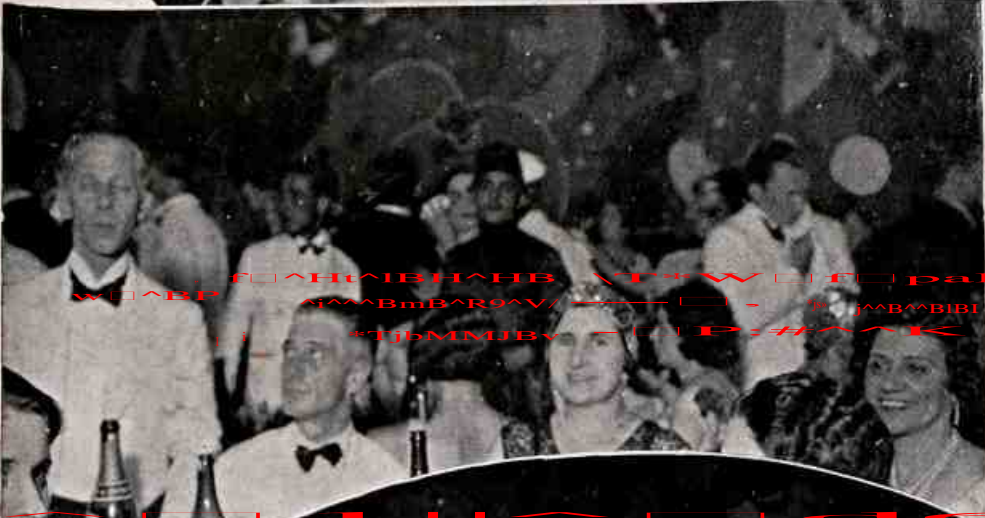
O BAILE A' FANTASIA

Esplendente, sob todos os aspectos, foi o baile de carnaval que se realizou no Theatro Municipal, promovido pela Prefeitura do Districto Federal e executado pelo Touring Club do Brasil. E' escusado accentuar que o interior da nossa principal casa de espectaculos estava verdadeiramente féerico. Literalmente cheio, o aspecto que o theatro offerecia, com aquelle mundo rutilante, de elegancia e bom gosto, era de delirio e alegria vi-

DO THEATRO MUNICIPAL

brante. Ao som das marchas e dos sambas mais em voga, os pares saltitavam e trepidavam, felizes, numa animação muito propria dos carnavalescos cariocas. Muita luz. Coloridos fortes. Ether dominando o ambiente. Flirts. Pleno reinado da Folia. E, no meio de tudo isso, sobresahia, com um relevo admiravel, a decoração originalissima e, já agora, famosa, do nosso querido companheiro Renato Palmeira.

Algumas silhuetas aristocráticas que deram realce ao baile de segunda-feira gordo, no Municipal. Ao lado, sumptuoso aspecto da platéa do nosso principal theatro, durante a grande festa carnavalesca.

No palco do Municipal, onde havia «lindas morenas» proclamando a verdade da canção carnavalesca...

Outro aspecto do palco do grande theatro transformado em palacio de Momo.

CARNAVAL INFANTIL

A gurysada teve a sua «matinée» brilhante, nos salões do America Football Club, que a soube contentar com balas, brinquedos e as danças animadas em que os filhos dos seus associados tomaram parte no ultimo domingo. Os pequeninos foliões mostraram que são bem cariocas, dançando, saltando e cantando com o enthusiasmo que o nosso carnaval exige e requer. As nossas gravuras focalizam os aspectos mais interessantes da «matinée» infantil do America.

NO BOTAFOGO FOOTBALL CLUB

Num ambiente de animação e esplendor, realizou-se o baile do Botafogo Football Club, que, mais uma vez, soube honrar as suas tradições carnavalescas. Nos salões do valoroso club, movimentaram-se, entre luzes, perfumes e musicas alegres, o que o Rio possúe de mais fino e elegante. Ostentando fantasias luxuosas, damas e cavalheiros deram a nota vibrante do carnaval de 1933.

FILIGRANAS

Os déspotas têm horror aos livros e aos sábios. Por isso ou por aquillo. Acto de fanatismo ou de defesa. O califa Omar queimou os setecentos mil volumes da Bibliotheca de Alexandria e mandou queimar por Saad a bibliotheca medica da Persia. Um khan da famosa Horda de Ouro mandava todos os annos matar aquelles que faziam versos ou estudavam em livros. Luis o Grande incendiou a bibliotheca rupertina de Heidelburg.

Ah! si os déspotas pudessem ensinar todo a gente a não lêr... Porque o déspota é o resultado fatal da ignorancia e da bastardia moral. E o livro illumina essas trevas. Ensina e eleva.

O BAILE DO COPACABANA

O Copacabana Palace Hotel realizou no ultimo sabbado o seu tradicional baile de Carnaval, no qual sobresahiram as figuras mais destacadas da nossa «élite», folias que não desmentem a fama do carnaval carioca. Num ambiente de resplendente «féerie», e

onde as serpentinas com as bolas de côres e os «confetti» se confundiam com a alegria dos sambas, das marchas e das canções carnavalescas, todo um mundo elegante e feliz saracoteava e vibrava. Foi uma noite magnifica e esplendente, que, de certo, deixou as melhores recordações aos que nella tomaram parte. As nossas gravuras estampam os aspectos mais expressivos do baile do Copacabana.

ANTES DE CHEGAR A HORA...

O Club de Regatas do Flamengo realizou o seu baile de Carnaval de 1933 nos salões do Automovel Club do Brasil, onde se reuniram, na noite de quinta-feira penultima, os socios e convidados da prestigiosa aggremiação sportiva, para uma das mais brilhantes festas do rubro-negro.

OS BAILES DE QUINTA-FEIRA, 23

Foi tambem na noite de quinta-feira da semana passada o baile á fantasia que todos os annos, na vespera do Carnaval, o America Football Club offerece aos seus associados. O nosso «cliché» apresenta dois detalhes photographicos dessa rutilante festa carnavalesca.

A INQUISIÇÃO

A inquisição queimou na fogueira e abafou nos carceres cinco milhões de homens. Exhumou os mortos, para queimal-os, como Urgel e Arnault, conde de Forcolquier. A inquisição declarava os filhos dos hereticos infames e incapazes de quaesquer honras publicas até a segunda geração, salvo si denunciassem os paes, conforme testemunham os textos das sentenças. A inquisição escondeu, sellados pelo index, na bibliotheca vaticano, os manuscriptos de Galileu...

VICTOR HUGO

O nosso carnaval empolga os brasileiros e os que vivem no Brasil. Quando chega a hora, todo mundo «cáe na farra», para mostrar que não é triste no reinado de Momo. Os membros das colonias estrangeiras domiciliadas nesta capital reunem-se para a grande pândega annual, em que ninguem... anda de máscara. Reunem-se nos seus clubs, onde ha um pouco do enthusiasmo carnavalesco do brasileiro. E haja alegria... Esta pagina focaliza, no alto, um aspecto do baile carnavalesco do Club Suisso e, em baixo, um flagrante da mascarada de sabbado ultimo, na séde do Club Germania.

Esta pagina focaliza: no alto, um flagrante do baile de Carnaval do Atlantico Club, e, ao centro e em baixo, aspectos do baile á fantasia do Praia Club, realizados ambos na penultima quinta-feira, com a presença dos mais finos elementos da sociedade de Copacabana.

O CORSO CARNAVALESCO

Sob o esplendor das horas alegres consagradas a Momo, o corso deste anno decorreu num ambiente de verdadeiro delirio carnavalesco. Em longas fileiras, desdobradas em quatro, os autos desfilaram nos quatro dias de Troças e folia, povoados de fantasias interessantes. E, nesse tumulto de côres, de sorrisos, de cantigas e marchas expressivas, rutilavam os bellos olhos da foliã carioca, emquanto a alma do povo vibrava de enthusiasmo sadio. São alguns dos flagrantes mais caracteristicos desse pandemonio, dessa festa de loucura e pilheria que estampamos nesta pagina.

DE PINDARO

Deus so manda alegria ao homem, depois de haver ferido sua alma com negras preoccupações.

*

Ninguem procura o mal.

*

As leis variam segundo as cidades. Cada qual tem o seu modo de fazer justiça.

*

Fazer o elogio de sua propria familia, é, quasi sempre, vituperar as outras.

*

O tempo é quem assegura melhor a fama dos justos.

Tres grupos alegres de foliãs bonitas que tomaram parte com destaque, no côrso de domingo ultimo, passeando pelas avenidas cariocas a sua graça carnavalesca.

Como todos os annos, pelo Carnaval, os salões do Club Militar mantiveram-se, durante as quatro noites de Momo, abertos aos socios daquella instituição. O «cliché» reproduz um aspecto photographico alli apanhado sabbado ultimo, quando começava o enthusiasmo na avenida.

DE PINDARO

Nada é seguro com um homem que não é seguro.

Os avaros são, por assim dizer, os captivos e os escravos da fortuna; seus corações estão atravessados por flechas de ouro.

A guerra poderá ter encantos para quem a não conhece; mas, quando alguem já a viu de perto, estremece de horror á sua aproximação.

Não foi menos animado que os anteriores o baile carnavalesco deste anno do Gremio Republicano Portuguez. Offerecemos aqui um aspecto dessa festa á fantasia.

A NOSSA REPORTAGEM DE CARNAVAL

COMO acontece todos os annos, é intensa a nossa reportagem photographica dos festejos do carnaval de 1933. Por isso mesmo, a presente edição de FON-FON, apesar de augmentada no texto, não chega

Luz, «confetti», perfumes, serpentinas, alegria delirante — foi a nota que caracterizou o baile de Carnaval do sympathico Fluminense Football Club, cujos salões estavam verdadeiramente fulgurantes. Luxuosas fantasias dignas desse nome, a par de

um grande esplendor mundano, constituiram a noite excellente que o Fluminense offereceu aos seus associados. Ao som dos «jazzes» delirantes, aquelle mundo esplendente se entregou ao prazer intenso das danças, que se prolongaram até alta madrugada.

para conter tudo quanto o serviço photographico desta revista poude colher nos salões ou nas ruas, durante o triduo de Momo.

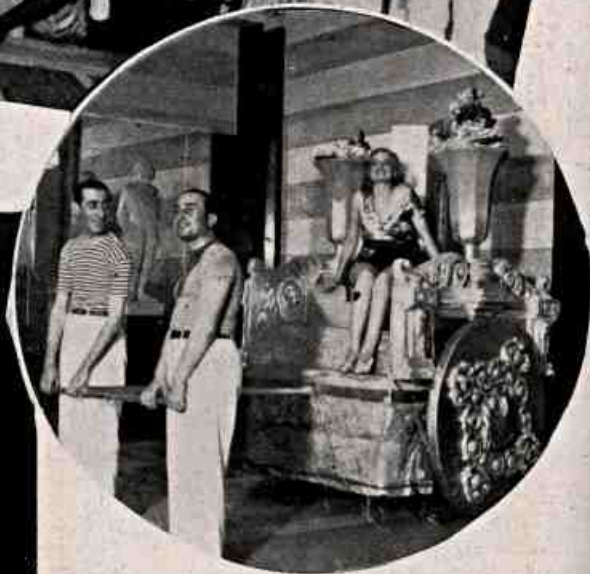
De modo que resolvemos organizar uma outra edição dedicada exclusivamente ao carnaval de 1933, e na qual publicaremos novos aspectos expressivos e ineditos, da grande festa do carioca.

Esteve brilhante e movimentado o baile á fantasia que o Texaco F. C. offereceu aos seus associados, na séde do Club Suisso, para commemorar o Carnaval de 1933.

Não menos brilhante foi o baile carnavalesco do Esplendido Hotel, realizado alguns dias antes da chegada do rei da Folia. Ahi estão dois flagrantes bem expressivos dessa festa.

NO CLUB DE REGATAS GUANABÁRA

Decorreu lindamente animado o baile com que o Club de Regatas Guanabâra recepcionou, no sabbado ultimo, sua magestade o rei da Folia. Os salões da séde daquella sociedade nautica movimentaram-se galantemente ao contacto das mais formosas silhuetas femininas, que ornamentam esta pagina em flagrantes tomados especialmente para FON - FON.

O BAILE DAS ACTRIZES

Uma nota original do ultimo Carnaval foi o baile das actrizes, que pela primeira vez se realiza nesta capital. O theatro João Caetano, onde teve logar essa festa, encheu-se das figuras mais representativas dos nossos palcos, algumas das quaes apparecem nas photographias desta pagina.

O tradicional Club de São Christovam commemorou o reinado de Momo com um baile sumptuoso e inexcedivel na sua animação. Os seus salões esplendentes, sob uma orgia de luz, de côres e de ether, brilharam e regorgitaram na noite de segunda-feira. O Club de São Christovam póde orgulhar-se de ter realizado um baile cheio de esplendor e elegancia, como bem se ha de deprehender pelo instantaneo que estampamos acima.

Em cima: um flagrante do baile de Carnaval do Orfeão Portuguez, que se revestiu do maior encanto, pela elegancia reinante nos salões daquella sociedade. Em baixo: a mascarada de domingo passado na séde do Eldorado Club, a novel sociedade carnavalesca da Tijuca.

Foi com um deslumbrante «reveillon» que o Tijuca Tennis Club commemorou a passagem do trio carnavalesco. Nos seus luxuosos salões se movimentaram as figuras mais distinctas do «set» carioca. Durante o baile, que se caracterizou pelo brilho inexcedivel de ricas fantasias, reinou a mais vibrante animação. A mascarada do Tijuca Tennis foi, assim, uma festa de raro esplendor carnavalesco e de um cunho absolutamente elegante. Os flagrantes desta pagina dizem, com nitidez e eloquencia, o que foi essa bella «soirée», consagrada ao deus da Folia, em 1933.

PENSAMENTOS

Amar é viver em continua angustia, em constante intranquillidade.

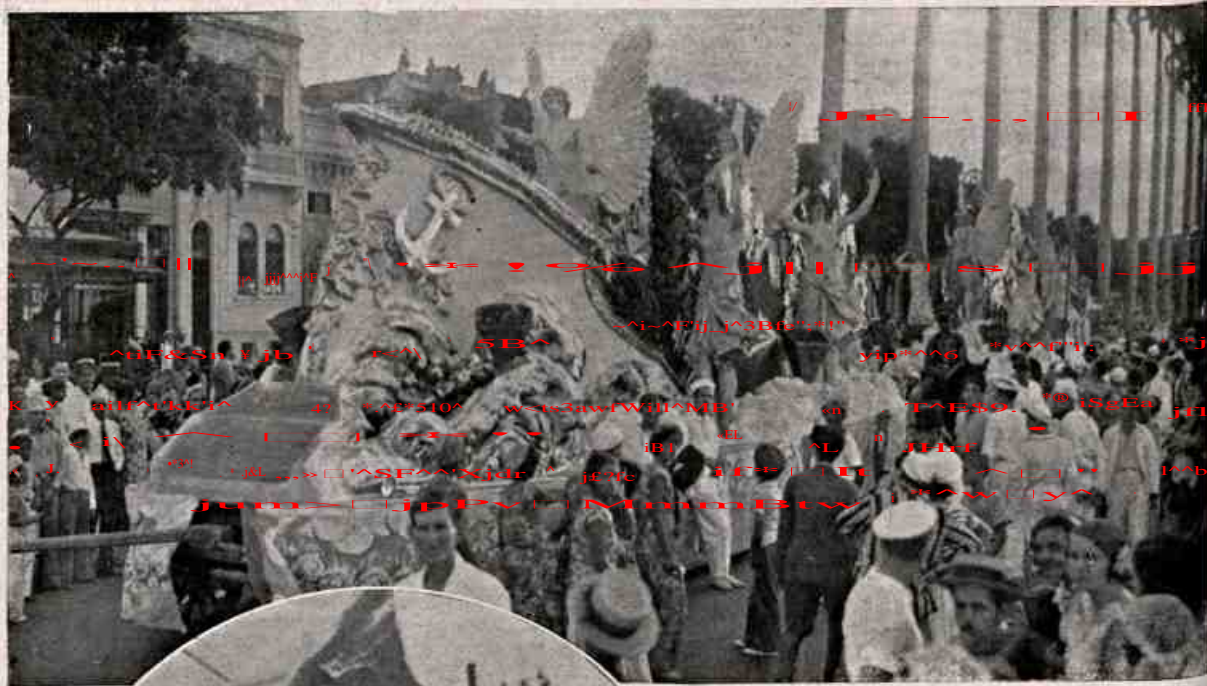
* * *

Odiar deve ser um grande prazer. Os que odeiam não vivem atormentados pela duvida.

* * *

Um socialista, aos vinte annos, crê, sinceramente, que a propriedade é um roubo.

Aos quarenta annos — no caso problematico, de ainda continuar socialista — sabe que só a propriedade alheia é um roubo.

No turbilhão elegante do baile de Carnaval do Tijuca Tennis Club, onde segunda-feira gorda se reuniram, para festejar o rei da olia, os mais finos ornamentos da sociedade tijucana.

A Federação das Sociedades Carnavalescas se encarregou de fazer, este anno, os prestitos reunidos dos Democráticos e dos Tenentes do Diabo. As nossas gravuras reproduzem os aspectos mais interessan-

LAGRIMA DE MARFIM

Ao João do Norte

Dispostas, por acaso, no bilhar,
As duas bolas brancas e a encarnada
N'uma figura facil, limpar,
—Esperavam o impulso da tacada.

Era a vez do Gustavo de jogar:
Lesto, apesar da posição forçada,

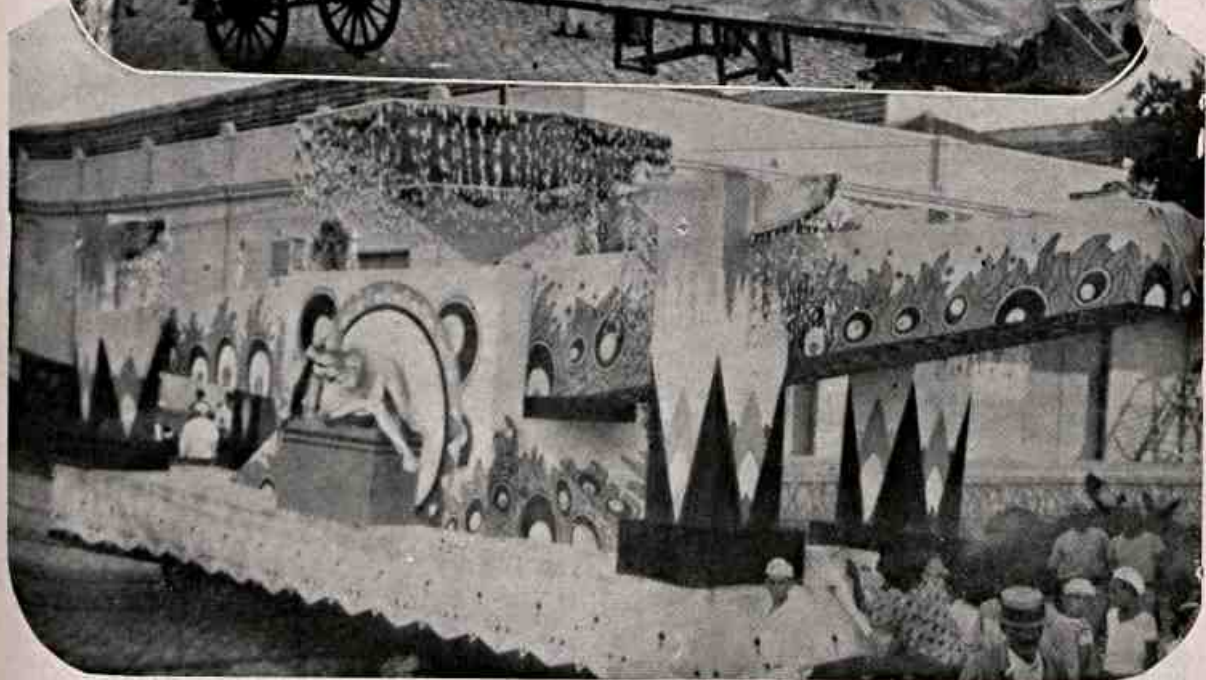
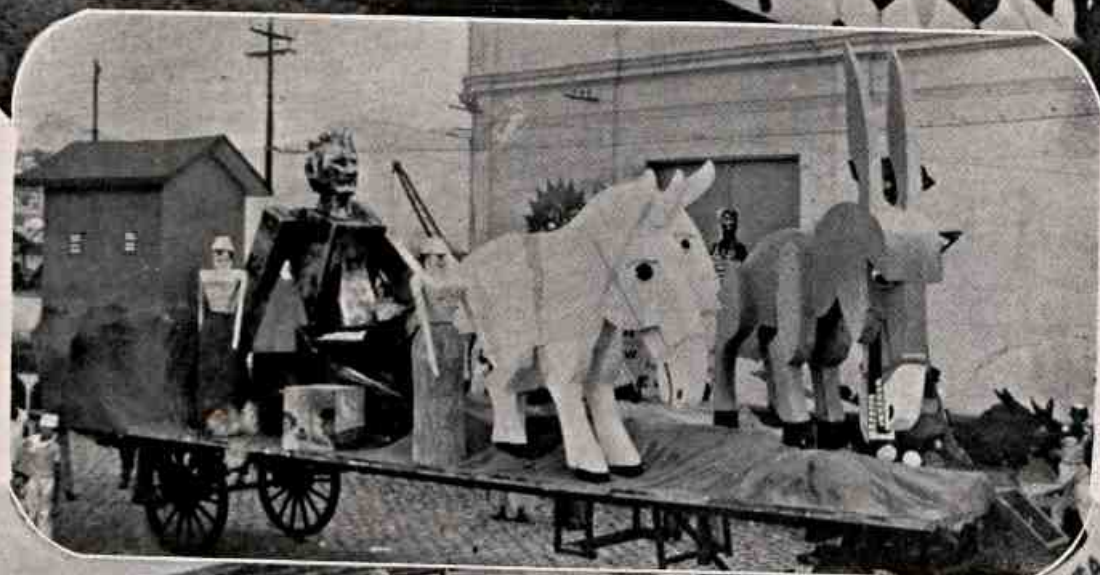
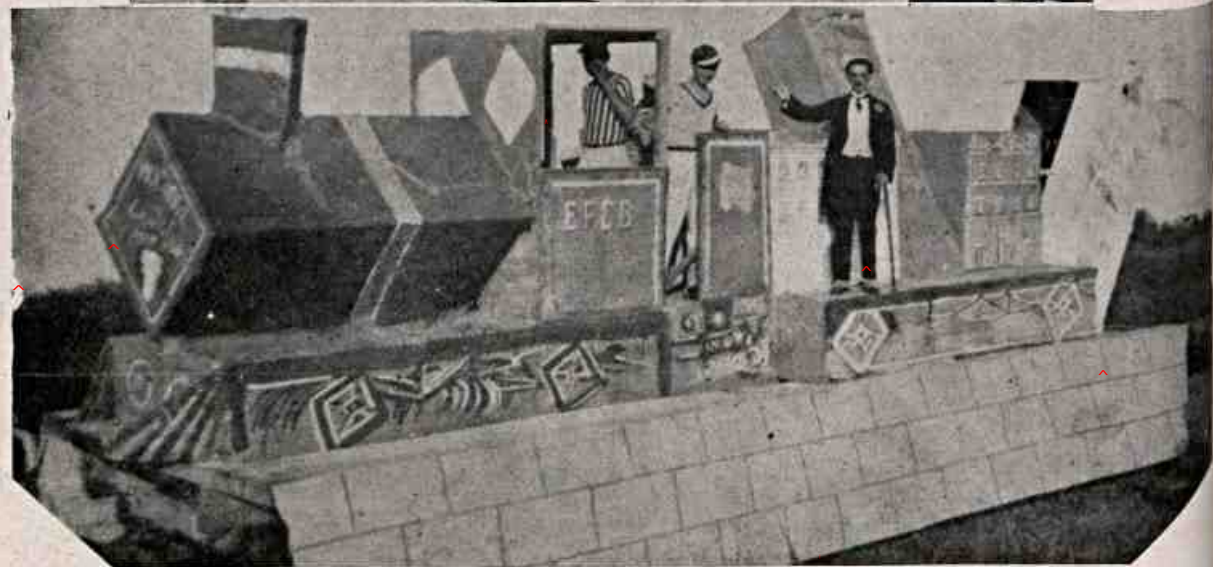
tes dos lindos carros que estes dois clubs apresentaram ao povo carioca, na noite de terça-feira gorda, e que foram tão justamente ovacionados pela multidão delirante.

Eil-o que aponta e, celere, vae dar
A de mestre, finissima estocada!

Da-se a corrida das eburneas bolas...
A communhão feliz das carambolas,
Talvez registre um ponto magistral.

Mas... falha tudo! ingratamente tudo!
E o Barroso se torna carrancudo,
O choro erguendo á gloria de immortal!

Santos Cunha

Focalizamos, aqui, lindos aspectos do prestito do Club dos Fenianos. Ao centro, o carro chefe, intitulado «Brasil Grande», no comprimento total de 66 metros, uma linda concepção, que foi estrondosamente applaudida.

O Club dos Pierrots da Caverna, com o seu grandioso carro chefe, intitulado: «Sonho de Pierrot», foi brilhantemente applaudido no desfile de Terça-feira Gorda.

O Congresso dos Fenianos brilhou, tambem, no desfile de terça-feira, apresentando lindos e interessantes carros allegoricos e criticos, de que nossa pagina dá ligeira idéa.

Escriptores e livros

Grazia Deledda — O DRAMA DE REGINA — Liv. Globo — P. Alegre — 5$

ESTE romance, destinado á leitura feminina, foi incluido na *Collecção verde*. Marina Guaspari traduziu-o do original italiano publicado com o titulo: *Nostalgie*.

Gastão Pereira da Silva — LENINE E A PSICO-ANALISE — Atlantida Editora — Rio — 5$

LENINE e a Russia. O assumpto é verdadeiramente seductor, para a época. São varios os estudos acerca da personalidade de Lenine. Vasta é a bibliographia sobre a Russia e as suas coisas. Porém, quasi tudo tem sido tão deturpado, que o publico geralmente tem uma idéa muito vaga sobre o que se passa naquella porção da terra, batida pelo soffrimento e pela miseria oriunda da loucura do czarismo. O que foi a *revanche* da massa escravizada, nós sabemos, pois o *domingo vermelho*, marcado pelo dia 5 de Janeiro de 1905 no Kalendario da Historia, encheu de espanto o mundo.

Extinguiu-se, de vez, a aristocracia russa, mas, os technicos e tantos outros elementos uteis tambem foram esmagados pelo peso da revolução, trazendo como consequencia a desorganização do paiz, que só agora entra num periodo de reajustamento das suas forças vivas. O sr. Gastão Pereira da Silva, com uma notavel clareza de linguagem, a par do perfeito conhecimento do phenomeno russo, escreveu um livro que desperta o maior interesse. E' uma synthese admiravel da historia do povo russo, producto de investigação paciente do passado, até chegar á Revolução, depois do que procura caracterizar a personalidade de Lenine pelo estudo seu inconsciente, fixando o seu *eu* exacto.

A conclusão do trabalho é interessante, pondo em destaque a figura de Lenine deante da psycoanalyse. E' um estudo attrahente pelo que tem de novidade, habilmente traçado pelo espirito agil do autor, nome festejado pelo valor dos livros que já tem publicado.

Radagasio Taborda — CIENCIAS PHYSICAS E NATURAES — Liv. Globo — Porto Alegre — 4$

TRATA-SE de um pequeno compendio de real utilidade para os candidatos ao curso de admissão aos gymnasios, organizado pelo methodo de perguntas e respostas.

O autor seguiu de perto o programma official de ensino.

Mario Tullio [assinatura]

Menotti Del Picchia — POEMAS — Comp.ª Edit.ª Nacional — S. Paulo — 6$

NESTE volume apparecem reunidos os quatro poemas *Juca Mulato*, *As mascaras*, *A angustia de D. João* e *O amôr de Dulcinéa*, poemas que consagraram definitivamente o nome do autor. São quatro expressões de grande brilho da poesia brasileira, sendo difficil fixar qual dos poemas é o melhor. Sentimos, entretanto, irresistivel sympathia por *Juca Mulato*, pelo que elle contem de *nosso*, de nacional, pela harmonia das côres, pela vibração sentimental.

Mas, não precisamos repetir que Menotti Del Picchia é um dos maiores poetas vivos da geração actual, legitima gloria das letras do meu São Paulo.

Upton Sinclair — FERIADO ROMANO — Edts. Flores e Mano — Rio — 6$

SINCLAIR é um nome universalmente conhecido. Os seus livros, em numero de 40, estão divulgados em todos os idiomas, mas só agora apparece no Brasil.

Roman Holiday é um romance socialista, entrelaçamento de uma historia pungente de amôr e uma satyra social cortante. A magnifica traducção é de Affonso Varzea.

Historia para gente simples

CONHECI um homem cujo coração nunca se alterou. Todas as pessôas que sabiam da sua vida diziam, vulgarmente, que elle tinha "um coração de pedra".

Acontecimento algum conseguia modificar o seu rythmo indifferente. Deante dos maiores perigos das mais insolitas circumstancias, das tragedias mais imprevistas, se conservava calmo, impassivel, mathematicamente exacto: setenta e cinco pulsações por minuto.

Por muitos annos elle manteve a sua marcha certa. Durante esse tempo, o homem perdeu, em varios negocios infelizes, quasi toda a sua fortuna. Todos julgavam que elle se suicidaria. Por isso, ficaram perplexos, attonitos, quando o viram, no dia seguinte á sua grande queda, atravessar calmamente a cidade. Os amigos abandonaram-no quando souberam da sua ruina. Elle, então, partiu, seguiu um rumo qualquer. E ninguem, durante annos soube noticias delle.

Um dia, appareceu com os cabellos brancos, com o rosto amorenado pelo sol de todas as latitudes e com as bagagens cobertas pelos sinetes de muitas alfandegas e pelas direcções de muitos hoteis. Voltou mais rico do que era. Veiu mais indifferente do que antes.

E todos continuavam a dizer, vulgarmente, que elle tinha "um coração de pedra."

Certo dia, porem, o seu coração bateu apressado, forte, violento. O homem tinha se debruçado sobre um caixão mortuario e olhava, mudo, com pupillas tontas, uns cabellos tão brancos como os seus.

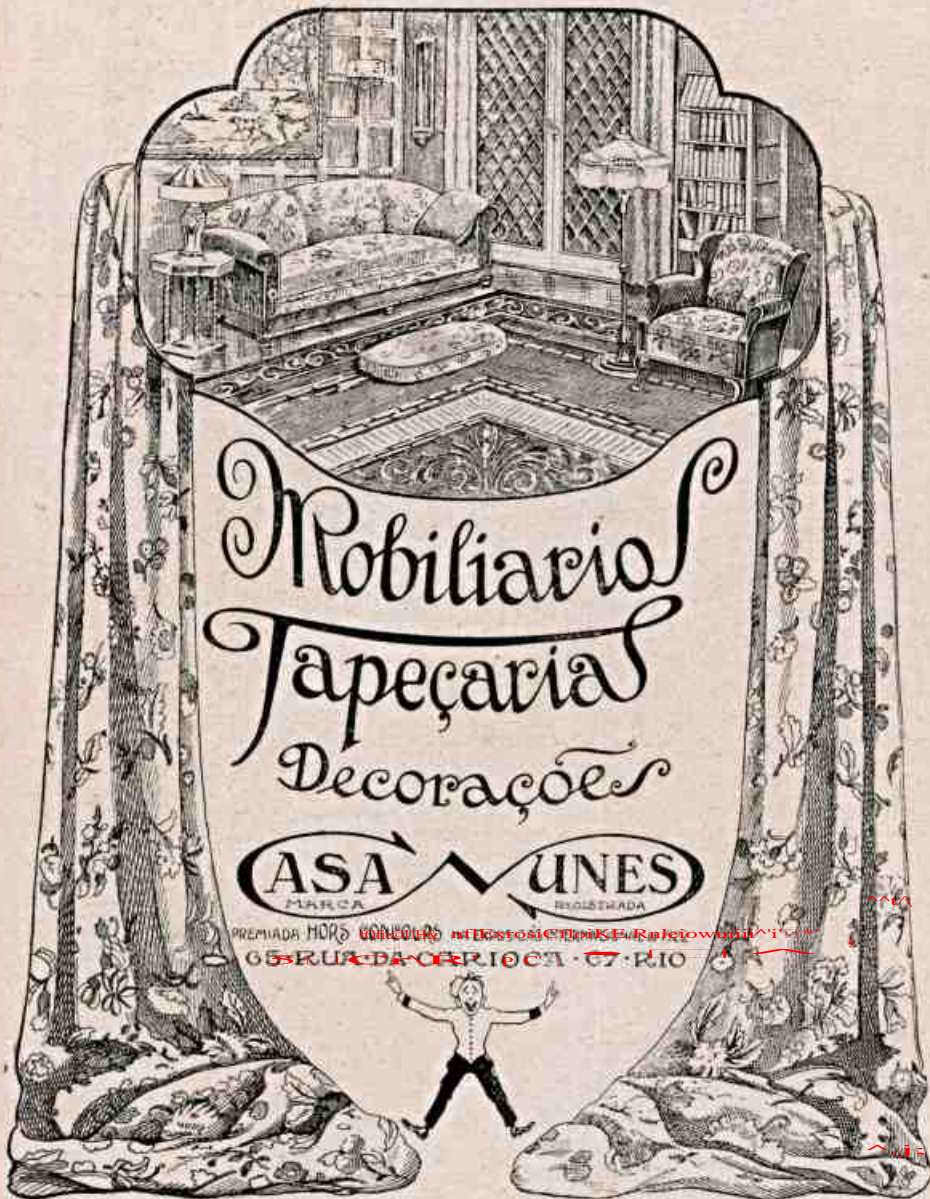
A seu lado, alguem falou:

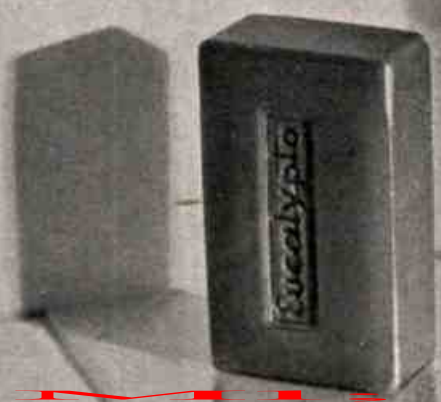
— Coitada!... Era tão bôa!... Tratava-nos a todas como si fossemos suas filhas. Todas as mulheres da casa lhe queriam bem. Ella nos dava sempre bons conselhos... Dizia-nos que, por um capricho, por causa de uma phrase irreflectida, dita num dia da sua mocidade, ella nunca conseguira ser feliz, longe do unico homem que verdadeiramente amou... Esse annel de saphyra foi elle que lhe deu. Ella nunca o tirou do dedo...

Uma outra vóz perguntou:

— O sr. está se sentindo mal? Está tão pallido...

Mas o homem não poude responder. Seu "coração de pedra" tinha se partido...

BRENNO SILVEIRA

Orthof

Sabonete
de
Eucalypto

Eucalypto

Beijaflor

o unico verdadeiro
o unico com todas as propriedades
therapeuticas do *EUCALYPTO*

o legitimo!

Novidades Literarias da Europa

ARNOULD GALOPIN

LA RÉSURRECTION D'EDGAR PIPE

Roman

Où l'on verra quelles ressources un homme ingenieux peut trouver à Paris.

Albin Michel
22 Rue Huyghens
PARIS
15 Fcs.

TABLEAU DU XX EME SIECLE

1900-1933

L E S   A R T S

La Musique et la danse
par
Pierre du Colombier et Roland Manuel.

Denoel et Steele
Rue Amelie
PARIS
20 Frs.

PARIS continúa a nos fornecer, caprichosamente, uma série de successos literarios que muito nos faz pensar na decadencia da actual literatura franceza. Após os famosos premios Goncourt, com "Les Loups", de Guy Mazaline, e "Voyage au bout de la nuit", de Celine, e um fraquissimo livro de Simone Ratel, livros bons mas sem as qualidades necessarias para serem considerados notaveis, varios outros foram lançados no mercado, cada qual mais mediocre. Na impossibilidade de dizer mal de todos os volumes apparecidos, a critica, em geral, toma o partido de silenciar ou criticar á moda cinematographica, expondo ao leitor o enredo do livro e nada mais. Assim, após uma chusma de volumes como "L'Amerique chez elle", de Delarne-Mardrus, "L'Ombre", de F. Carco, "Une epouse et son destin", de Benet Valmer, "Un festin" de vautours" de Albert Erlande e outros, não foi sem reserva e desconfiança que me predispuz a ler um livro apparecido em fins de janeiro, que a critica proclama "admiravel", e cujo successo vae a 150.000 exemplares de venda em 15 dias:

"La matière nous depasse", de Victor de La Fortelle. Seu autor é um novo, pois é o 3.º volume que publica. *"Je cherche de l'or"* e *"Je cherche une femme"*, são os seus dois primeiros volumes, cuja leitura me foi diciada pelo conhecimento do seu successo de agora. Confesso que me não arrependo. Dois bons livros, dignos do melhor successo, principalmente o segundo, onde o autor se nos revela um romancista pujante, senhor de um estylo proprio e vigoroso. *"La matière nous depasse"* vem de ser adquirida para traducção em quasi todos os paizes da Europa e, sinto que não tenhamos editores no genero, capazes de a fazer conhecida do nosso publico intelligente: Só vejo as edições "Ariel" capazes de o fazer conscientemente no Brasil, mas... *"La matière nous depasse"* é um ensaio sobre a vida moderna, em que o seu autor constata que a causa do *"désarroi"* actual que se extende a toda actividade humana, está na falta de adaptação do homem de hoje pela sua época, emquanto que as "invenções" transformam dia a dia a sua vida material. Em "Je cherche de l'Or" o seu autor entrevia já o "desarranjo" da vida do homem moderno; en "La matiére nous depasse" elle estuda a fundo as suas causas, constatando que, na época do avião e do radio, os methodos de organização economica e administrativa não differem muito dos da época da "chaise poste" e de "Telegraphie optique" (1). O autor inventa uma palavra (que obtem successo) — "matiérisme" para designar o esforço intellectual, não somente o especulativo, mas o applicado, que temos que realizar para admittir que as transformações da materia se desenvolvem num quadro social inadequado e para conceber a necessidade de tomar a serio os perigos que são muito maiores que os de uma simples superproducção industrial. Emfim, é um livro admiravel de observação sobre a nossa época e os remedios a adoptar para collocál-a no seu eixo. O seu successo enorme na França e na Inglaterra, que fez popular o nome do seu autor é justificavel. Infelizmente, não creio que no Brasil seja elle igual. Mas, intellectuaes, meus patricios que temos, recommendo "La Matiére nous depasse."

Bricio de Abreu

ATKINSON

LONDRES-PARIS-BUENOS AIRES-RIO

A' VENDA EM TODO O BRASIL

PAUMARY

(Conto regional amazonico)

De Reynaldo Reis

❦ ❦ ❦

A vida era-lhe facil naquelle pedaço do Rio-Mar. Tinha o que o caboclo deseja quasi sempre: uma canôa e uma mulher. A primeira comprára-o ao portuguez do fluctuante e a segunda apparecêra-lhe em casa, fugida do seu compadre Simplicio. Por ambas tinha uma especie de fetichismo, porém com um mixto de desconfiança na mulher. "Cesteiro que faz um cesto faz um cento — se lhe derem cipó e tempo...", era a sua phrase predilecta.

Por que o chamavam "Paumary"? Nem elle mesmo sabia As suas feições, os dentes afilados como os de uma piranha, a côr bronzea-escura da epiderme, talvez tudo aquillo que o assemelhava áquelles indios occasionasse o appellido.

Uma casa tosca, feita e coberta de palhas de mirity, uma cerca de imbaúba: eis a residencia. Tres rêdes, um caixão — outrora de kerozene, hoje servindo de guarda-louça —, uma mesa que mal se segurava soffregamente agarrada á parede, um fogareiro de ferro, lamparina e algumas latas vazias: eis a mobilia e pertences. Nas paredes dezenas de chromos e calendarios, de mistura com santos e retratos cortados de jornaes. Fóra, esticada ao sol, a tarrafa parecia uma esquisita teia de aranha.

Rita, a filha do casal, era o enlevo de Paumary. Pequenina, rachitica, feiinha, trazia no corpo a apparencia doentia das creaturas enfermiças.

De manhã, ao sahir para a pesca, sua occupação unica, quantas vezes Paumary dizia: "Chiquinha, vê Rita; espia si não tem carapanã no mosquiteiro."

Ganhava o rio, ainda sem sol, tremeluzindo ao clarão fugitivo das estrellas. Conhecia aquillo, ora si conhecia! A palmo... Dir-se-ia que qualquer uyrapurú milagroso lhe guiava as remadas silenciosas e certas. Sabia, infallivel, onde é que "dava" matrinchão ou sardinha ou jaraquy. Os logares do espinhel, todo novo, presente do coronel Vitóca, elle os conhecia profundamente. Mais ainda dizia: — "Hoje vou pegar surubim!" Ou então: "Amanhã vamos comer tucunaré!" Mixto de caboclo e de indio, resumindo em si o topographo subtilissimo áquelle labyrintho de furos e paranás necessario, ninguem diria que nelle existia o formidavel poder de observação que era a base de todo o seu éxito e o motivo para a admiração dos outros pescadores. Ichtyologo indigena, representava bem o typo do caboclo da Amazonia, resistente á luta contra os elementos hostis e até contra a propria Natureza. E mesmo nos tempos de rio cheio, quando escasseavam as piracemas de peixe, nunca sentira necessidade, mercê da sua estranha sciencia. Talvez sem ambições para elle tudo era calmo e tudo estava direito...

Supersticioso como todo o caboclo, acreditava cégamente em feitiços e esconjuros. A's vezes, o céo nublava-se ameaçando chuva. Paumary ficava inquieto, porque em Ritinha "dava uma coisa" durante o "tempo". Sahia muito cauteloso, o terçado na mão e atraz de casa ia "cortar o temporal". Umas quatro ou cinco palavras cabalisticas, uns talhos no ar e voltava crente na efficacia. Si errava era porque alguem tinha visto e estragado o "serviço".

* * *

Rita crescêra sempre franzina. Apenas dois olhos negros, muito grandes e muito fundos davam áquelle rosto commum uma expressão invulgar. Rebelde aos serviços de casa, reclamando por tudo o que lhe mandavam fazer, parecia trazer comsigo apenas o desejo incontido de andar como as filhas do turco "regatão", que ás vezes o acompanhavam nas viagens rio abaixo, em que elle explorando a bôa fé dos caboclos, lhes vendia bugigangas e artigos de liquidação affirmando serem a ultima moda no Rio e em Paris. Ah! si pudesse ter um daquelles vestidos de sêda...

Com ella crescêra tambem o egoismo de Paumary. Qual! Nem as filhas do Azulay, syrio da venda, chegavam aos pés de Ritinha...

* *

Veiu a febre dos concursos de belleza. Uma moça do Camixe havia tirado o logar de "miss" local. "Pae rico, dizia Paumary, só mesmo assim..."

Festa. Duas semanas de preparativos e os convites feitos na canôa que parava no porto de cada um. Uma porção de encommendas para as lojas da cidade. Vestidos encarnados, sapatos brancos, muitas fitas de sêda e a orchestra que tinha vindo especialmente para o baile, com grande satisfação do pae da "miss", todo cheio de si dizendo a todos que elle "bem que não queria, mas o pessoal quizeram..."

Ritinha foi á festa. Vestido novo, de cambraia-gaze verde com uns enfeites brancos bordados á machina, fita de sêda na cabeça, prendendo os cabellos negros e lisos.

Dançou. A principio, mal, depois, melhor. Toinho, o empregado do "seu" Theophilo, foi um par constante. Paumary estava na porta, doido de raiva com aquelle namoro, mas sem coragem de falar, com medo de que a filha ficasse zangada.

O "negocio", porém, foi adeante e, ao vêl-os sentados muito juntinhos, lá dentro á mesa do café, elle não se conteve, e chamou:

— Rita!

Ella veiu, e Paumary pediu quasi com humilhação que acabasse com aquillo. Toinho era conhecido: preguiçoso, desordeiro, bebado incorrigivel.

— Elle honte, minha filha, tava bebinho na venda do Zé Mathia. Proquê tú não acaba

(Cont. na pag. seguinte)

com isso? Proquê?

— Ora, papai, você está mais é pau! Me deixe!...

Aquillo doeu fundo no coração do caboclo. Ficou olhando, sem comprehender tamanha ingratidão, os olhos cheios de soffrimento, tristes, parados...

— Teu pai tá bestando commigo, heim?, disse o Toinho, que vinha chegando ao grupo.

A tristeza transformou-se em colera. Deu um empurrão no atrevido, agarrou a filha pelo braço e, atravessando a sala cheia de pares no frenesi de uma marchinha, correu com ella, aos safanões, até o porto, emquanto Toinho lhe gritava:

— Eu vou buscá ella, tá ouvindo?

Desamarrou a canôa e largou-se pelo rio abaixo, entre as pilherias de uns e o espanto de todos.

* * *

O inevitavel. Ritinha fugiu numa noite escura, de tormenta, em que a chuva cahia impetuosa.

Paumary, de manhãzinha, procurou a filha, como fazia sempre. Nada, em canto nenhum.

— Quedê ella, Chiquinha? Você viu?

Não sabia. Ninguem tinha visto.

Ficou deitado na rêde, muito calado, muito quieto. Só fez dizer:

— Mas tá vendo, Chiquinha? Nem o tempo fez medo a ella...

A' tarde, sahiu com a cabinho e o anzolão. A passos lentos, dirigiu-se ao porto. Parou, lançando o olhar para a immensidade do rio cheio, em que o crepusculo começava a escurecer as aguas. Uma "cigana" passou perto. Em outra occasião Paumary teria rezado qualquer coisa, para desfazer a "caiporа". Naquella, não. Seismava apenas, alheio a tudo, o pensamento fixo na ingratidão daquella "cunhantã". Ainda Chiquinha gritou:

— Que você vae fazer, Paumary? A essa hora só tem pirahyba no rio.

Levou a canôa para o "meião", botou uma sardinha inteira no anzol. Esperou... Esperou... Silencio... Calmaria... Apenas o murmurio das aguas ao correrem pela quilha da canôa.

De subito, um barulho estrepitoso e o peixe enorme saltou fóra d'agua, num rapido semi-circulo. Era o momento. Fazendo um laço, amarrou com a ponta do cabinho as duas mãos. Jogou o anzol nagua e ficou esperando. Cinco minutos... dez... A canôa deslisava ao sabôr da corrente. Um estremecimento no cabinho, seguido de outro, mais outro e da mordida do peixe na isca.

Paumary ficou em pé na prôa e puxou rapidamente o cabinho. A pirahyba, pois era um desses peixes enormes que pesam ás vezes mais de 150 kilos, sentiu-se fisgada e "amassou" procurando a profundidade.

Um baque surdo, espadanando milhares de gottas douradas pelo sol do occaso... E na polychromia do ambiente a canôa continuou deslisando pelas aguas mansas, emquanto a noite envolvia tudo em mousselinas de sombras...

SIGNIFICAÇÃO DE ALGUMAS PALAVRAS DO CONTO

Paumary — Tribu de indios da qual ainda restam alguns.

Mirity — Palmeira muito commum em toda a Amazônia.

Imbaúba — Arvore idem, idem.

Carapanã — Mosquito.

Uyrapurú — Avesita a quem attribuem trazer felicidade.

Matrinchão, Jaraquy, Surubim Tucunaré — Peixes.

Furos, Paranás — Ramificações dos rios. Na Amazônia existem aos milhares.

Piracemas — Cardumes.

Terçado — Facão do matto.

Regatão — Syrio que vende tudo numa canôa grande que percorre de Belem ao Alto Acre.

Porto — Logar onde o caboclo amarra a canôa e que serve ao mesmo tempo de banheiro e lavadouro.

Cabinho — Corda fina.

Cigana — Passaro do tamanho de uma gallinha, com ella parecido, o que anda ás centenas pelos rios do norte. Ha quem acredite que vê uma "cigana" é prenuncio de qualquer malefício.

Caipora — Azar.

Cunhantã — Menina. E' termo da lingua "geral" (derivada da guarany).

Meião — Meio do rio, onde elle geralmente é mais fundo.

Pirahyba — Peixe enorme, tendo até mais de 8 mts de comprimento por 1 de largura e pesando, ás vezes, mais de 150 kilos. Não obstante todo esse peso, salta fóra d'agua, descrevendo um semi-circulo, num espectaculo curioso, em razão do tamanho. Pesca-se de anzol, porque geralmente rasga as rêdes, em vista da sua força prodigiosa.

Amassou — Foi para o fundo.

A historia differente das outras

NA vida de cada homem ha sempre uma historia bonita de amor.

E, na vida de Marcio, a historia bonita foi aquella menina de olhos tristes e que tinha um sorriso bom de sapoty maduro.

* * *

Geralmente, quando a gente desconfia que está amando, é que o amor já existe ha muito tempo. E nunca se sabe como é que elle nasceu. Porque vem assim de vagar, muito de vagar, sem a gente saber como. E vae se apoderando de tudo. Principalmente do pensamento.

Com Marcio foi assim.

Tanto que se transformou em obsessão. Mas numa obsessão... numa obsessão que tinha qualquer coisa de nostalgico e qualquer coisa de uma musica longinqua e mysteriosa, cheia de accordes alegres como guizos e, por vezes, tristes como uma prece.

* * *

Como os outros, Marcio não sabe nunca como foi que começou.

Talvez num olhar. Talvez num sorriso differente. Talvez... Porque a historia de um amor póde ser escripta desse modo. Com muitas duvidas. Com muitas reticencias.

* * *

Depois, aquella vida nova de idyllio que não se parecia nada com os outros idyllios banaes que andam por ahi absorveu todo o pensamento sonhador de Marcio.

Os seus sonhos eram povoados com seus sorrisos. E, ás vezes, com as suas lagrimas...

Porque, num amor muito grande, ha sempre lagrimas. Lagrimas sentidas de uma dor ou de prazer.

... suas imagens literarias ia buscar todas no modo della falar, no geito esquisito que havia nos seus olhos, nos gestos caricioso de seus dedos.

* * *

Era um amor igual a todos os amores. Mas, como a vida é feita de coisas sem nexo, parecia-lhes que o seu amor era differente de todos os amores.

* * *

Gostava de ouvil-a. Porque, ouvil-a, era conhecêl-a cada dia de um modo diverso. Porque, ouvil-a, era descobrir, cada dia, mais um pedacinho de sua alma, feita de ingenuidade e de maldade, num symbolo novo de inferno e paraiso.

Gostava de vêl-a. Porque, vêl-a, era embeber-se na contemplação de seus olhos cheios de caricias e que falavam a linguagem silensiosa das tristezas e prazeres ignotos. Porque, vêl-a, era notar, cada dia, um encanto differente no seu rosto de mulher que se quer tornar menina. E era ver uma elegancia nova no seu corpo de menina que se quer tornar mulher.

Gostava de sentil-a. Porque, sentil-a, era ter, entre as suas, a mão della, pequenina e branca como uma flor desabrochada, que lhe transmittia por carinhos infantis toda a loucura de um peccado desconhecido.

* * *

Mas a vida tem coisas assim...

A's vezes, no meio de uma alegria muito intensa, no meio de uma luz muito feerica, no meio de uns accordes compassados de uma musica phantastica de negros, no meio de um sussurro fátuo e imbecil de palavras e sorrisos estudados, fica, esquecido, como um trophéu inutil, como uma coisa desprezivel e feia, um sonho muito bonito, um sonho que vale uma vida.

* * *

E o sonho de Marcio ficou assim, num canto, ignorado ou desprezado.

Porque é até absurdo ter um sonho bonito entre tanta coisa soberba como risos, musica, ruido, alegria...

* * *

Mas tudo não se perdeu.

Ficou a lembrança daquella historia de amor que ha sempre na vida de um homem. E que se póde resumir assim: saudade...

Porque seria horrivel que os poetas tivessem inventado uma palavra sem significação...

MAURO BARCELLOS

OS MYSTERIOS DO TAMISA

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

— Vae tudo bem, já temos o limpa-chaminés. Agora trata-se de encontrar o homem que pagou esse immundo trabalho. Vem commigo, Harry.

No momento em que Taxon ia seguir o mestre, este agarrou-o, fel-o recuar violentamente, dizendo-lhe:

— Depressa, para a fonte! Vamos! Occultemo-nos!

A fonte de pedra deante da qual se trocava o dialogo entre Sherlock e o seu discipulo, ha muito tempo que não servia. No logar, por onde antigamente cahia a agua, achava-se agora uma grade de madeira; ambos saltaram para traz desse abrigo, e occultaram-se, ahi, sem que Harry soubesse exactamente o que se passava.

Ao mesmo tempo passou junto da fonte uma forma feminina envolta num comprido casaco de seda. A mulher esforçava-se para descer sobre o rosto um espesso véo que o vento fizera erguer.

— A senhora Arabella Aberdeen, murmurou Sherlock a Harry. Parou defronte de Paulsen's Hotel, que é justamente em face do restaurante "Beefsteak John". Bateu... Abriram... Entrou!

— Não lhe disse, mestre, que essa dama tinha participação no caso? Exclamou Harry triumphante.

— Silencio, disse Sherlock, isto ainda não significa que Arabella Aberdeen seja culpada. O apparecimento dessa mulher nesta rua mal afamada, a sua visita a um hotel suspeito, provam apenas que o caso é mais complicado do que a principio julguei e qu teremos algum trabalho em descobril-o. Saiamos d nosso esconderijo.

Sherlock saltou agilmente a grade e dirigindo-s a Taxon, que o imitará:

— Vês aquella mulher que espera junto da la terna?

— Bem vejo! E' diabolicamente bonita!

— Occultar-te-ás aqui, por detraz desta fonte, e n a perderás de vista. Si ella deixar o seu posto, s guil-a-ás onde quer que se dirija. Provavelmente h de encontrar um homem de cabello cortado á esc vinha. Não percas de vista esse par e quando sou beres alguma coisa importante ou se precisares d mim ainda esta noite, enviar-me-ás um dos noss amiguinhos, um vendedor de jornaes ou um varredo ao Boston-Saloon de Mile End-Road. Perguntarei n decurso da noite se ha alguma mensagem para mi Tens o revolver comtigo? Talvez precises servir- delle. A rameira é possivel que te encaminhe pa uma socidade perigosa.

— Ainda que tenha de ir ao inferno procurar diabo, seguil-a-ei, respondeu Harry.

— E' bem possivel que encontres não um, mu muitos diabos, continuou Sherlock.

Despediu-se em seguida do ajudante que, promp mente, desappareceu por detraz da fonte afim d não perder a mulher de vista.

Viu o patrão dirigir-se para o Pulsen's Hotel; policia tocou e abriram-lhe a porta; depois, com o estabelecimento se achava a uma distancia de trin passos da fonte, Harry ouviu Sehrlock falar a a guem, como se lhe custasse pronunciar as palavr e cahisse de somno.

— Maldito Knickerbocker! Esse licor embriaga a um velho marinheiro como eu e não posso sigu ter-me nas pernas. Aqui tem dinheiro, dê-me u quarto para esta noite; preciso dormir.

— Entra, respondeu a voz do homem que tin aberto a porta, dar-te-ão uma boa cama.

O marinheiro, fingindo cambalear, entrou e a p ta fechou-se.

Harry teve que esperar ainda uns vinte minu antes que a rapariga se cançasse; andava de u lado para outro, olhando constantemente na direcç de Sutton-street; passado algum tempo porém co çou a dar signaes de impaciencia, foi mais adean chegando a passar junto da fonte. O rapaz deitou- no solo e conteve a respiração.

— Pregou-me uma peça! murmurou a rapariga. me parecia que ia fazer um bom negocio, com marinheiro. Dir-se-ia ter dinheiro. E' pena, m creio que o melhor que tenho a fazer é voltar p Bob. Afinal, é um typo emprehendedor e devia t lhe dado estes desgraçados brincos porque o dinhei que lhe dessem por elles no Monte-Pio, tel-o-iam comido juntos, e quem sabe se amanhã não terá algibeiras cheias de libras. Pois bem! vou procural

Afastou-se, apressando o passo.

Executando uma graciosa reviravolta o joven em lo de Sherlock saltou a grade e poz-se a seguir rapariga a uma distancia de dez metros; esforçav para não a perder de vista.

Num dado domento, Betsy voltou-se mas ve atraz de si um vendedor de jornaes, continuou seu caminho sem lhe conceder maior attenção.

CAPITULO V

UM BRAÇO DEIXADO POR CONTA

— Quer que eu durma alli dentro! Oh! oh! um marinheiro da "Canadá" não dorme numa pocilga tão suja. Quero um quarto grande, bem arejado.

— Nesse caso tenho de o alojar no andar de baixo disse o porteiro do hotel descendo a escada, mas se quebrar alguma coisa, ha de pagar.

— Pagarei tudo que fôr preciso, resmoneou o marinheiro, tenho dinheiro. Ah! ah! não o ouve tinir! Durante tres annos naveguei no "Canadá" e fiz economias; agora preciso gastar.

Dizendo isto, o marinheiro tirou mais dois shillings da algibeira e entregou-os ao porteiro. Este abriu um quarto muito bem mobiliado e acendeu uma das velas.

— A que horas quer que o acorde amanhã? perguntou elle ao marinheiro.

— Vae para o diabo! vociferou este, tenho por acaso necessidade que me acordem? Quando o sol me der na cara, eu saberei despertar!

— Nesse caso, desejo-lhe uma noite agradavel!

O porteiro sahiu do quarto e Sherlock ficou só.

Acto continuo, endireitou-se, pois conservara-se curvado propositadamente por causa do seu disfarce, tirou as botas, dirigiu-se á porta que dava para o corredor e correu o fecho.

Um momento depois, Sherlock apagou a vela, tirou da algibeira uma pequena lamparina electrica, e, premindo um botão, fez luz. Inspeccionou as paredes do quarto e fel-as resoar com os dedos.

— E' madeira! disse comsigo inteiramente satisfeito; se bem me lembro, ha apenas tres quartos convenientes neste hotel. Num delles estou eu, um outro deve ser á esquerda do meu e o terceiro á direita. Ora, conduziram a senhora Aberdeen para um dos melhores quartos. Portanto deve ser minha vizinha; vou certificar-me.

Sherlock pegou numa pequena pua e internou-a na parede da esquerda, estava bem untada, por isso entrou na madeira sem ruido; bastaram dois minutos a Sehrlock para fazer na parede um buraco bastante grande para poder ver por ahi tudo o que se passava no aposento contiguo.

— Diabo! Não ha nada que ver aqui. Tentemos do outro lado.

Rapidamente dirigiu-se á parede opposta, e, recomeçando o mesmo trabalho, depressa preparou um novo orificio.

Pela abertura viu luz.

Um momento depois o rosto magro de Sherlock illuminou-se com um sorriso de triumpho; acabava de ver a senhora Arabella Aberdeen.

Estava sentada num sofá junto de uma mesa, com a cabeça encostada ás mãos.

Olhava de vez em quando para a porta do corredor, e Sherlock não precisava de ser um habil physionomista para observar o que nella se passava. Viu immediatamente que ella estava sob o imperio do medo e de uma espectativa febril.

Pouco depois a senhora Arabella Aberdeen desabotoou alguns botões do corpo de vestido, tirou dahi uma pequena carteira contendo algumas notas e contou-as.

Soltou um fundo suspiro, lançou um olhar angustiado para a porta, e occultou de novo a carteira no peito.

Nesse momento, Sherlock deixou o seu posto de observação, calçou as botas e sahiu para o corredor.

Aproximou-se da porta do quarto onde se encontrava a senhora Arabella Aberdeen, e bateu.

Ouviram-se passos ligeiros uma voz tremula pronunciou baixinho:

— E's tu?

— Abra! disse Sherlock disfarçando a sua voz.

O ferrolho foi corrido e a porta apenas entreaberta, mas essa pequena abertura foi sufficiente para permittir que o corpo magro de Sherlock penetrasse no quarto.

— Não se assuste, senhora Arabella Aberdeen, venho como amigo, disse o policia vendo a formosa senhora cambalear á sua vista.

Proferindo estas palavras, deu volta á chave da porta.

— O que quer, marinheiro? exclamou a senhora Aberdeen, retirando vivamente um pequeno revolver da algibeira. Um passo mais e faço-lhe saltar os miolos! Saberei defender a minha honra. Oh! meu Deus! Si ao menos tivesse podido não voltar mais a esta casa!

Voltar mais! Sherlock gravou na sua memoria estas palavras, que provavam que a senhora Aberdeen não ia pela primeira vez áquella casa.

(*Cont. na pag. seguinte*)

— Minha senhora, disse elle, não sou marinheiro; não vim aqui para lhe fazer mal, mas pelo contrario para a proteger.

— Proteger-me! contra quem?

— Contra o homem que espera.

— Ah! sabe?

— Sei que marcou entrevista a um homem a quem vae entregar dinheiro. Sei que entrou aqui bem contra a vontade e enorme repugnancia, e que forçosamente obedeceu a uma imposição seguida de ameaças.

— Conhece-o pois?!... Oh! então estou perdida.

— Não o estará, minha senhora, se fôr franca commigo durante alguns instantes.

— Mas se lhe confio o segredo da minha vida, quem me garante que não fará mau uso delle?

— A simples razão, senhora Aberdeen, de que se tivesse querido, tinha-a mandado prendar ha muito tempo. Fale, diga-me tudo e nada mais terá que receiar para o futuro desse homem, que a obrigou a enganar o seu marido.

A senhora Arabella Aberdeen soltou um profundo suspiro e disse febrilmente:

— Pois bem, dir-lhe-ei tudo, juro-lhe que desvendarei a verdade inteira. Travei conhecimento com o sr. Aberdeen em Ostende na sala de jogo. Apaixonou-se por mim e como, segundo os esclarecimentos que obtive, era muitas vezes millionario, concedi-lhe a minha mão não obstante a grande differença de edade que havia entre nós. Voltei com elle para Londres e casámos. Oh! senhor, não creio que o sr. Aberdeen se arrependesse nunca de me ter desposado. Fui-lhe fiel. Tratei delle, estimei-o e fui uma boa mãe para sua filha...

— Sei tudo isso, continue.

— Somente não disse a verdade ao senhor Aberdeen antes do casamento. Não deveria ter acceito a proposta que me fez pois não era livre.

— Ah! Casada!

— Sim, era esposa de um agricultor escossez; mas meu marido, depois de ter perdido toda a sua fortuna, partiu para a Australia afim de crear ahi uma nova situação. Deixou-me cem libras e aconselhou-me que ganhasse a minha vida em Londres dando lições de piano, até que elle conseguisse estabelecer-se na Australia. Eu era nova, bonita, amava a existencia, e não queria passar a minha vida numa escola. Dirigi-me portanto a Ostende com as minhas cem libras na esperança de centuplicar o meu pequeno capital. Ah! travei relações com Aberdeen e não pude resistir á tentação de vir a ser mulher de um millionario.

— Seu marido voltou provavelmente a Londres logo depois do seu casamento?

Muito surprehendida, a sra. Aberdeen fitou o seu interlocutor.

— De facto, foi o que succedeu: quatro semanas depois do meu casamento, recebi uma carta anonyma marcando-me uma entrevista neste Hotel. Ameaçavam-me no caso de não responder a esse appello denunciar-me pelo crime de bigamia e fazer-me prender.

— Naturalmente foi a essa entrevista tão inopportuna?

— Sim! Foi a primeira vez que entrei aqui. Julguei tornar-me louca de susto, quando vi Jacques deante de mim.

— Jacques é o seu primeiro marido, o proprietario escossez? Qual é o seu appellido?

— Tambem o quer saber? Está bem! Visto que prometti confessar-lhe tudo, espero que não fará mau uso da minha confiança mandando-me para a prisão. Saiba portanto que meu primeiro marido chama-se Jacques Delauny.

— Naturalmente exigiu-lhe dinheiro?

— Mil libras. Dei-lhe a minha palavra de que não as possuia e acceitou finalmente quatrocentas de que eu então dispunha. Em compensação prometteu-me voltar para a Australia.

— O que não fez, bem entendido, completou o detective. Isso porem não o impediu de guardar as quatrocentas libras e voltar seis semanas depois.

— Não o tornei a ver durante tres mezes; depois tive que lhe dar ainda mil libras. Desappareceu em seguida seis mezes e voltou a encontrar-me periodicamente; até que recebi esta manhã uma carta delle em que me promette deixar para sempre a Inglaterra se lhe der ainda uma vez mil libras. Graças á grande generosidade de que usou sempre para commigo o sr. Aberdeen pude até hoje encontrar o dinheiro que o miseravel me extorquia, mas agora acabaram-se os recursos. Apenas disponho de quatrocentas libras, e para isso tive de pôr todas as minhas joias no Monte Soccorro e contrahir dividas, sem contar a quantia que pedi a meu marido sob todos os pretextos. Mas agora...

— De resto, seria debalde entregar as mil libras, porque esse vampiro não deixaria por isso de lhe sugar o sangue. Responda-me agora depressa a uma pergunta importante: Jacques Delauny contou-lhe de que modo perdeu a fortuna?

— Em tudo que diz respeito ás suas emprezas commerciaes, sempre me deixou na mais absoluta ignorancia. Vivia na Escossia, na sua propriedade emquanto elle passava a maior parte do anno em Londres. Só uma vez lhe ouvi dizer numa voz terrivel: "Ha um homem em Inglaterra que me arruinou, mas hei de vingar-me terrivelmente! Tirou-me o que tinha de melhor, pois bem! tirar-lhe-ei egualmente o que elle tem de mais querido!"

— Quer ver-se livre desse demonio de uma vez para sempre? pronunciou Holmes rapidamente.

— O que! Se fosse possivel! Só peço para viver tranquilla e socegada ao lado do homem que desgraçadamente está quasi doido desde a perda da menina. Embora todos lancem pedras sobre Aberdeen, lhe chamem feroz e usurario, para mim foi sempre bom, amou-me, poupou-me a todos os cuidados, mas no dia em que soubesse que o enganei, que pertenço a outro e que não tem direito algum sobre mim, morreria!

A infeliz dama occultou o rosto nas mãos e as lagrimas rolaram-lhe entre os dedos.

— Socegue, sra. Arabella, supplicou o policia, sal-val-a-ei; mas para isso urge que procedamos energicamente e sem perda de tempo. Permitte-me que faça em mim uma transformação completa por detraz daquelle biombo?

— Não sei como isto é, mas uma voz interior diz-me que vos obedeça cegamente, disse Arabella muito commovida. Parece-me que possuo em vós um amigo verdadeiro. Façamos portanto todos os preparativos que vos parecem convenientes.

— Trata-se apenas de tirar esta roupa de marujo. Como trago outro por baixo, sinto-me um pouco embaraçado nos meus movimentos e, na previsão do que vae se passar vou precisar de muita agilidade e de muita destreza physica. Disso depende o successo da empresa.

Ao mesmo tempo o policia retirava-se para detraz do biombo que se achava a um canto do quarto. Passados poucos minutos, a sra. Aberdeen viu deante de si um outro homem. A grande barba e os traços de carvão que davam á sua hysionomia o aspecto de bom rapaz, um pouco simples, tinham desapparecido por completo e Arabella viu em seu logar uma cara intelligente e energica.

— Passos! murmurou elle, o desenlace aproxima-se! Coragem e sangue frio, sra. Aberdeen! Sente-se junto desta mesa, emquanto eu me conservo occulto prompto a intervir no momento propicio!

Em seguida apagou o gaz que illuminava demasiadamente o aposento, correu o fecho da porta e desappareceu rapida e silenciosamente por detraz de um pesado reposteiro. Alli, não podiam vel-o, admittindo mesmo que o quarto estivesse muito claro, emquanto que elle, por uma abertura do reposteiro, podia observar tudo quando se passava.

Tinha o revolver prompto a fazer fogo.

Bateram á porta neste momento.

— Arabella, és tu? disse uma voz rude.

— Responda, senhora, murmurou Holmes á sra. Aberdeen, sentada, pallida e tremula de susto.

— Entra! disse ella encostando a mão ao coração palpitante.

Abriu-se a porta e, no limiar, appareceu um homem alto, com formas de athleta, elegantemente vestido, de chapeo alto e tendo na mão uma bengala com castão de prata.

— Só! disse. Bem! O nosso negocio resolver-se-á promptamente. Espero que trouxesses o que te pedi?

Fechou a porta, correu o ferrolho e approximou-se rapidamente da mulher cujo rosto cada vez mais pallido parecia o de uma morta.

Arabella rompeu em soluços.

— Nada de scenas, por favor, disse o homem, colerico. Trata-se simplesmente de um negocio, nada mais!.... Desta vez só exijo mil libras, uma miseria. Imaginas talvez que eu, de quem és a esposa, e sobre a qual tenho todos os direitos, seria tão parvo que morresse de fome emquanto tu representas o papel de millionaria e vives cercada de luxo tenho que fazer.

A senhora Aberdeen, vagarosamente, levou a mão ao peito e tirou dahi a carteira.

— Aqui está tudo quanto possuo e é a ultima vez que te posso dar dinheiro.

— Depressa! ordenou o homem com os olhos brilhantes de cubiça. Mas vejamos se ahi estão as mil libras, exclamou elle abrindo a carteira.

Esta occupação absorveu-lhe de tal modo a attenção que não viu Sherlock Holmes que avançava para elle muito de mansinho.

De resto, a sra. Aberdeen comprehendera o que se passava, e o ruido dos seus soluços favorecia a manobra do policia.

O miseravel acabava de fazer o inventario das notas e de descobrir que estavam longe de representar a quantia exigida por elle.

Tomado de raiva causada por aquella decepção, ergueu o punho, ameaçador...

Naquelle instante, Sherlock Holmes segurou com a sua mão de ferro o braço do miseravel, e, com a que lhe restava livre, pegou no revolver.

— Prendo-o, Jacques Delauny, gritou elle, não vale a pena defender-se; ninguem escapa ás mãos de Sherlock Holmes.

Ouviu-se uma praga tremenda, uma gargalhada diabolica e, ao mesmo tempo, Sherlock viu á porta o criminoso cujo braço lhe ficara na mão.

— Dê mais luz, senhora Aberdeen, gritou o policia.

Afflicta a senhora obedeceu.

De subito, ouviu-se uma detonação: uma bala assobiou aos ouvidos de Sherlock Holmes; quebrou o vidro da janella e perdeu-se na rua. Ao mesmo tempo, a porta fechava-se com estrondo e ouvia-se alguem descer a escada precipitadamente.

— Diabos me levem! gritou Sherlock Holmes. Acaba de se realizar um milagre!

A sra. Aberdeen estava de pé, livida e tremula; cambaleou e cahiu extenuada sobre uma cadeira, chorando sem consolação.

— Ah! Esqueci-me de o informar desse detalhe! disse ella soluçando.

— Que Jacques tinha um braço articulado, interrompeu Sherlock meneiando a cabeça muito occupado a examinar a maravilha de mecanica que tinha na mão e cujas molas fazia manobrar... Sim, minha senhora, e essa omissão fez falhar tudo. Mas tambem, quem diabo podia ter pensado neste detalhe no momento de effectuar uma prisão?

— Jacques Delauny perdeu o braço num accidente de caça, quando era muito novo, explicou Arabella continuando a soluçar, mas sinto passos, justo ceu! A gente do hotel vae pedir-me uma explicação...

— Que eu lhes fornecerei de modo a satisfazel-os, disse Sherlock para a tranquillizar... Esperem, senhores! Cheguei agora mesmo, sou Sherlock Holmes!

O policia falou durante alguns minutos com o dono do hotel, e esse curto lapso de tempo bastou-lhe para arranjar tudo. Acompanhou em seguida a sra. Arabella Aberdeen até á sua carruagem que estacionava nas proximidades de Shadwell-Station, e só a deixou em casa.

Sherlock Holmes depois de se ter despedido da afflicta dama ainda deveras sobresaltada, dirigiu-se tranquillamente para Mile-Endraad. Tinha na mão um objecto cuidadosamente embrulhado; era o fa-meso braço mecanico.

Durante o caminho, Sherlock Holmes teve sem duvida uma excellente idéa, porque começou a rir acariciando o braço e apertando-o contra o peito.

Durante o caminhoyQOf-;bglilQrhrdlu ku ku ku

Pouco depois estava no salão de Lee Boston, de que era freguez assiduo.

Lee Boston o dono do café, homem talhado como um hercules, robusto ainda, a despeito dos seus cabellos grisalhos, reconheceu-o immediatamente e adiantou-se ao seu encontro.

— Ha um bilhete para si, senhor, disse elle. Trouxe-o um pequeno engraxate. Disse-me que lhe fôra confiado por um vendedor de Jornaes.

— Muito bem... Ha quanto tempo lhe entregaram esse bilhete?

— Ha cerca de meia hora.

— Tenha a bondade, Boston, continuou o policia, de me guardar cuidadosamente este objecto. E' um braço mecanico, guarde-o bem e não o mostre a pessoa alguma: virei reclamar-lh'o amanhã de manhã.

— Terei todo o cuidado, prometto-lhe!

Sherlock Holmes aproximou-se da luz, desdobrou o bocado de papel e teve um subito sobresalto. O rosto tornou-se sombrio e dos seus labios delgados sahiram as seguintes palavras:

— Pobre rapaz. Está prompto!... a não ser que consiga salval-o immediatamente.

O bilhete, que Holmes conservava nas mãos tremulas, continha o seguinte:

"Cahi nas mãos dos famosos "Sandbagmen" (1) West India Docks... uma velha cavallariça situada a sessenta pés dos entrepostos de assucar Harriman. Acuda depressa em meu auxilio.

(1) Bandidos de Londres que se servem de saccos de areia para matar as suas victimas sem deixarem vestigio de ferimentos.

CAPITULO VI

NO ANTRO DOS SANDBAGMEN

Harry Taxon tinha seguido a rapariga Betsy durante mais de uma hora; dirigira-se para um labyrintho de ruas e beccos situados nas margens do Tamisa, caminhos que evita cuidadosamente logo que anoitece toda a gente de Londres, por causa da sua pouca segurança bem conhecida.

Chegou deste modo do lado do porto de Greenwich, cujas cercanias são infestadas por um sem numero de vagabundos e malfeitores, de que fazem parte criminosos terriveis, refugo de todas as nações.

A rapariga parecia andar muito á vontade naquelles caminhos mal afamados; seguia-os rapidamente, sem sombra de hesitação.

Esquivava-se ao aproximar-se dos homens que encontrava, como alguem que deseja attingir o seu fim o mais depressa possivel.

Acabou por se encontrar nas proximidades das West India Docas, onde estão situados os entrepostos e os caes pertencentes á West India Company.

Um limitado numero de candieiros illuminava com luz vacillante as ruas estreitas que levavam a esses entrepostos.

Betsy procurava o melhor possivel conservar-se na sombra; por medida de prudencia, de vez em quando, parava para observar se alguem a seguia.

Deu uma grande volta para evitar as docas da companhia e Harry teve que appellar para tod a sua habilidade para não ser visto por ella; felizmente os caes estavam tão cheios de toneis e de caixotes que elle poude constantemente occultar-se por detraz da quantidade de mercadorias que alli estavam agglomeradas.

Betsy não poude notal-o não obstante a desconfiança de que dava provas.

Parou em frente do ent eposto do assucar. Era um imr-enso aldeiatre cheio de caixas e barcaças de assucar chegado das Indias e pertencentes á casa Harriman & C.

Harry Taxon deitou-se no chão vendo a rapariga olhar prudentemente para traz, para se certificar de que estava só. Quedou-se um momento immovel, depois dirigiu-se com passo rapido para uma espécie de edificio em ruinas.

Harry Taxon ergueu-se de um pulo e, seguindo as instrucções que Holmes lhe dera, avançou contando os passos que dava entre o entreposto do assucar e do edificio. Eram justamente setenta.

Betsy andou em roda da cavallariça abandonada, situada nas margens do Tamisa e onde parecia querer entrar.

Bateu á porta; passados alguns segundos abriu-se um postigo e uma voz perguntou no calão usado em Whitechapel: "Quem está ahi? qual é a palavra de passe?

Taxon ouviu distinctamente Betsy responder: "Greenwich".

O joven policia, de pé, na sombra do alpendre perguntou a si mesmo de que modo conseguiria não perder Betsy de vista, afim de não infringir as instrucções de Holmes que, como se sabe, lhe recom-

mendaria vigiar todos os actos da rameira. Para executar essa ordem, era-lhe preciso penetrar na velha construcção.

Ao mesmo tempo, disse, de si para si que seria de grande perigo para elle empregar logo em seguida a palavra de passe e entrar.

O que se passava na cavallariça pareceu-lhe suspeito, e Harry, que conhecia muito bem as peripecias da vida nocturna de Londres, pensou logo num desses bandos de criminosos que constituem o terror da grande cidade ingleza.

Aquella cavallariça, situada no meio das West India Docks, não seria o ponto de reunião de uma dessas associações tão temiveis de malfeitores?

Harry trepou para uma arvore na margem do Tamisa e, dalli, inspeccionou o telhado da cavallariça. Era coberto de ripas e, como ameaçava ruina, podia-se ver pelos intersticios o que se passava dentro do edificio.

"E' preciso que consiga installar-me naquelle telhado", disse de si para si Harry, medindo num relance o espaço que separava a cavallariça da arvore onde se encontrava. O espaço era realmente muito consideravel para lhe permittir saltar para o cimo do edificio.

Deixou-se escorregar pelo tronco da arvore, mas, quando chegou ao chão, ouviu um grito. Uma fórma delgada recuou vivamente, e uma voz assustada murmurou:

— Oh! oh! Que moda é esta de saltar sobre a cabeça de cada um? Mas não me engano? E' um antigo conhecimento! Donde vens desta maneira, Harry? Que genero de passeio é este que fazes sobre as arvores das West India Docks?

Harry reconheceu no seu interlocutor um vendedor de jornaes que ha muito o conhecia. Quando era mais novo, tomara muitas vezes parte nos seus jogos, tanto que o consideravam como pertencendo á corporação.

— Escuta Willy, disse Harry ao garoto, que teria os seus doze annos; podias prestar-me um serviço?

— Da melhor vontade, Harry.

— Deixa-me trepar por cima dos teus hombros para chegar áquelle telhado.

— Nada mais facil, retrucou o robusto garoto.

Passados alguns segundos Harry, tendo se servido dos hombros de Willy, estava no telhado por onde avançou com as maiores precauções.

Em baixo, distinguiu um ruido de vozes abafadas.

Para poder ver bem o que se passava no interior da construcção, era-lhe necessario chegar a uma fenda do telhado.

Com mil cuidados, chegou perto de uma por onde podia observar.

Mergulhou o olhar pelo alpendre e notou um grupo de dezoito homens no meio dos quaes se achava Betsy. Ella narrava em voz alta aos que a cercavam que um marinheiro do "Canadá" administrara um correctivo a Bob e a acompanhara na rua durante alguns momentos.

— Interrogou-me acerca de Bob e receio ter-lhe dito de mais; parece-me pertencer á policia. Mas onde está Bob? Ainda cá não chegou?

— Esperemol-o, responderam os facinoras; temos que discutir coisas muito importantes! Propozeram-lhe um bello negocio.

Neste momento ouviu-se fóra um som semelhante ao arrulho de um pombo bravo e Betsy exclamou:

— E' Bob! Vem ahi. Tres vezes hurrah por Bob!

No telhado, Harry encolhia-se de modo a tomar o menor logar possivel para não ser visto pelo recem-chegado. Logo depois, a sua attenção foi attrahida por novos incidentes que se deram no interior da cavallariça, illuminada apenas por algumas lanternas velhas.

A' palavra do passe, "Greewich", dita numa voz segura, a porta abriu-se, e Bob entrou sendo recebido com calorosas acclamações.

— Diabo! tambem cá estás, rapariga, exclamou vendo Betsy. Julgava que estava tudo acabado entre nós.

— Vim para te pedir perdão, disse Betsy numa voz submissa. Já me arrancaste um brinco, pois bem, toma o outro e faze delle o que quizeres; fiz mal em t'os recusar.

— E's uma mulher extraordinaria! tornou Bob dando-lhe dois beijos sonoros nas faces. Vejam, meus amigos, é assim que se devem educar as mulheres. De resto, poderás desempenhar os teus brincos, amanhã; acabo de saber que se prepara um bom golpe para os Sandbagmen. Qual é que tem detalhes a esse respito?

Um rapaz de dezoito annos, com toda a apparencia de tuberculoso, sahiu do grupo e disse numa voz rouca:

— Conheces um "gentleman" chamado capitão Miller?

O homem do cabello rapado estremeceu.

— O capitão Miller? Falou-te, Titus? perguntou a mim? Quando?

— Procurou-te na taberna chineza e, como não encontrasse ahi, pediu-me esclarecimentos; que lhe disse que te veria hoje mesmo, disse-me confidencialmente: Previne Bob que vae haver um bom negocio a emprehender. Duzentas libras a ganhar. Trata-se de fazer "nadar uma taboa..."

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

RHEUMATISMO

O exito de nossa cruzada contra RHEUMATISMO depende quasi exclusiv mente da recommendação de ex-soffredores satisfeitos

Rigidez das juntas, musculos doloridos, nervos endurecidos. Não é estranho que V. S. se sinta envelhecido. O Rheumatismo é uma enfermidade traidora que avança lenta porém seguramente. Afugente este ladrão da juventude e da saúde. Evite os seus estragos desde o começo.

O Rheumatismo é um symptoma e não uma causa; uma desagradav l manifestação de dôr que póde surgir do excesso de acido urico accumulado no organismo. V. S. sabe o que acontece então: o acido urico se converte em crystaes com bordas afiadas e desiguaes que desgarram as extremidades sensitivas dos nervos, causando padecimentos indescriptiveis. Não é preciso resignar-se a padecer essas dôres: o excesso de acido urico póde ser eliminado comtanto que os rins funccionem normalmente.

As Pilulas De Witt trabalham directa e immediatamente sobre os rins e a bexiga. Por sua acção benefica sobre estes orgãos de eliminação os medicos receitam as Pilulas De Witt para combater numerosas affecções que pódem ser causadas pelo excesso de acido urico, taes como o Rheumatismo, Sciatica, Lumbago, Dôres nas Costas, etc.

Se V. S. soffre de qualquer desses males, e principalmente se outros medicamentos não têm surtido effeito, lhe offerecemos um FORNECIMENTO GRATIS PARA EXPERIENCIA de Pilulas De Witt. Umas poucas doses lhe demonstrarão o que valem. Póde fazer-se uma offerta mais equitativa? Preencha e envie o coupon abaixo HOJE. Se alegrará de havel-o feito, depois que tiver tomado a primeira dose.

PILULAS
De WITT
PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLÉSTIAS DOS RINS

e todas as Moléstias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Srs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. R 156),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço ....

....

Queira escrever com clareza

Mande em envelope aberto — sello 20 Reis

A fama proclama:
O melhor contra todas as dôres é
o remedio de confiança
CAFIASPIRINA
BAYER